

## ROBSON'S HOUSE

### Série: Arquiteturas para crianças

ROBSON'S HOUSE  
Series: Architectures for Children

Fernando Freitas Fuão<sup>1</sup>

#### Resumo

Robson's house (Casa de Robson) trata-se um ensaio onde se busca explicitar via arquitetura, a questão da domesticação entre *a besta e o Soberano*, tratado por Jacques Derrida; quem é a besta e quem é o soberano. Para tal, recorre-se na trilha de Derrida uma leitura simultânea entre Heidegger, agora com seu texto *construir, habitar, pensar* e Daniel Defoe com *Robson Crusoe*. O ensaio se desenvolve através de uma análise psicogeográfica dos insulamentos e das clareiras (*Lichtung*) como o lugar do Soberano e a domesticação sobre as bestas, o Dom, o domínio e também dos novos condomínios, as novas *insulae* e os novos e novas Sextas-Feiras.

Palavras-chave: a casa de Robson Crusoe, condomínios, Sexta-Feira, animalidade, domesticação.

#### Abstract

*Robson's house (Casa de Robson) is an essay that seeks to explain, via architecture, the question of domestication between The beast and the Sovereign treated by Jacques Derrida, who is the beast and who is the sovereign. For this, a simultaneous reading between Heidegger, now with his text Building, Dwelling, Thinking, and Daniel Defoe with Robson Crusoe, is used in Derrida's trail. The essay develops through a psychogeographical analysis of the islands and Lichtung as the place of Sovereign and the domestication of beasts, the Dom, the domain and also of the new condominiums, the new islands and the new Fridays.*

Keywords: Robson Crusoe's house, condominiums, Friday, animality, domestication.

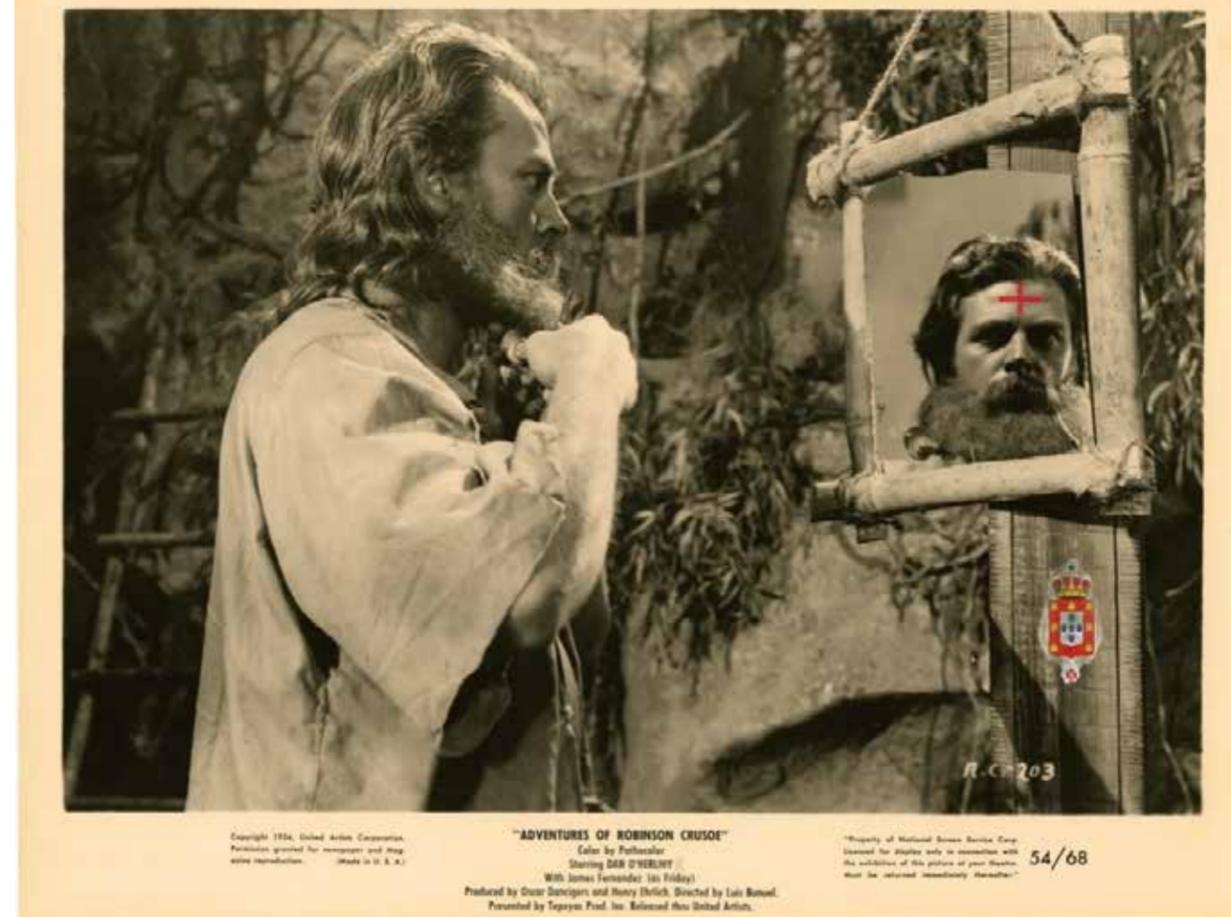


Figura 1 – Collage de Fernando Fuão sobre fotograma do filme Robson Crusoe, de Luis Buñuel. 2022.

*A domesticação é uma arte do espaço, uma triste arte.*  
F.Fuão

#### Bêtisés

*“Tenho medo que as bestas,  
as feras selvagens me comam vivo,  
me retalhem e me destroçam com seus dentes,  
me mastiguem e me digiram”.*  
Rick Grimes

Por que escrever sobre Robson Crusoe? Por que escrever sobre seu frágil abrigo, sua casa, seu castelo? Robson é um dos personagens da literatura mais representativo do embate entre o mundo da natureza, a *bêtise* do dito selvagem, e de sua luta externa e interna, para preservar os modos de vida ditos civilizados, representantes de uma cultura europeia e, mais precisamente, inglesa. Ainda que a casa de Robson não passe de um miserável abrigo, nela está contida uma série de estratégias arquitetônicas de proteção, semelhante aos da vida contemporânea. Desvelar essas estratégias constitui em desmascarar o processo domesticador em sua microfísica do poder e explicitar a questão de uma *arché* soberania insular, que a reboque arrasta o fantasma do selvagem, o canibal Sexta-Feira, muito distante do nobre selvagem de Rousseau.

Robinson Crusoe é um ótimo exemplo da construção familiar constituída à base da doma de animais e dos ditos ‘não humanos’, desde o século XVII até o XX. Seu abrigo-casa, sua *domus*, para que se tornasse uma casa de fato foi necessário domesticar um papagaio – cortar suas asas – agregar dois gatos e um cachorro e muitas cabras, para constituir o ‘embrião de sua família’, como ele mesmo dizia; e assim, não morrer de desespero em sua solidão. A família, então, não precisa necessariamente de outros, digamos, *humanos*. Será com a chegada de Sexta-Feira, entretanto, que a casa se

<sup>1</sup> Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese Arquitectura como Collage.

tornaria mais casa, e definitivamente seria um *famulus*, agora com seus escravos obedientes, ainda que uma besta canibal; e Crusoé não cessará de domesticar Sexta-Feira para que perca seu hábito canibal. Parece estranha a situação familiar de Crusoé, mas não é. Crusoé retrata bem o que hoje poderíamos ainda designar como a célula mínima agonizante de uma família, constituída por um solteiro, solteira, viúva ou viúvo e seus animais de estimação, que lhe acompanham em sua solidão.

Jacques Derrida, em *A besta e o soberano II*<sup>2</sup>, fez uma leitura entrecruzada de Daniel Defoe, *Robson Crusoé*, com Martin Heidegger e seu texto sobre *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*<sup>3</sup>, onde trabalhou a ideia de mundo (*Welt*) como 'portação', a solidão, o tédio e a finitude. Proponho aqui acompanhar os mesmos passos de Derrida e dar passo para introduzir outro texto de Heidegger: *Construir, habitar e pensar*<sup>4</sup>, quiçá mais adequado para a análise do que poderemos chamar de a 'casa de Robson'; se é que realmente existiria essa ideia de casa, lar, naquilo que ele conseguiu construir em sua estadia na 'ilha Desesperança'. Essa desesperança também se pode interpretar simbolicamente como o naufrágio da civilização, e que Robson não conseguiu perceber sua situação como possibilidade de uma reconstrução de vida. O modelo Casa Robson pode-se dispor, antecipadamente, como uma resistência à natureza por parte da civilização e seu modo de morar; ainda que adaptada com os materiais que Robson tinha à mão. Não se trata, porém, de uma questão de matérias, e sim o modo como ele *habitou* e nunca se *habitou*.

Em *Construir, habitar e pensar*, Heidegger parte da questão da linguagem para pensar o morar, ou seja, pensava o habitar desde a questão da linguagem: a linguagem como o lugar do poético que guarda a essência desse morar. Para ele, a linguagem é fundante do ser. Somos o que somos pela linguagem. Pensamos o que pensamos através da linguagem. Ela determina nosso pensar e toda a existência, assim como ela também configura o mundo (*Welt*). Esse 'morar' na linguagem é simultâneo ao morar físico da casa e do mundo. Fundando o ser, somos o que somos graças à morada, à moradia. Pensamos o que pensamos também através do lugar em que moramos, tanto de um modo geral como específico a um determinado lugar como a casa. Ambos determinam nosso pensar. O pensar atua sobre a construção da casa; e a casa, por sua vez, atua sobre o pensar. As palavras moldam e direcionam nosso pensar, e a casa domestica e conforma nosso pensar. O lugar, a morada e a natureza nos sussurram pensamentos num diálogo sem palavras, colocam ideias e pensares que são determinados exatamente por essas forças (a floresta, a beira da praia, a ilha, a montanha). Para Heidegger, o lugar e a casa nos falam quando estamos plenamente 'situados' neles. É a fala do mundo. Assim, por essa via de pensamento podemos chegar ao pensamento de que o lugar e a casa – a casa mesmo sem casa – constroem-nos. Não somente construímos, mas elas nos constroem numa simultaneidade paradoxal de espaço-tempo. Na medida, do 'com', em que construímos também somos 'construídos'.

Creio que o caráter desconstrutor desse texto de Heidegger resida exatamente em sugerir que os lugares nos falam e são algo vivo. O mundo nos fala. Os lugares não são incipientes, inócuos, inanimados; não são uma superfície neutra de vida em que inserimos uma construção, mas sim algo vivo que se comunica conosco. E cada lugar é único. No caso da ilha, as ilhas, como bem percebeu Derrida em *Faxitexture*<sup>5</sup>, são lugares muito especiais, não só por sua circularidade, mas também por seu isolamento (insulamento). Deleuze, inclusive, já havia se referido anteriormente à ilha em sua condição de circularidade, arredondamento (*arrondissement*). A ideia da ilha como

*arrondissement*, como bairro, revela também o sentido de isolamento, de separação dos bairros de Paris, espécies de grandes condomínios de semelhantes. Assim descreveu Deleuze sobre a ilha:

A ilha é o que o mar circunda e aquilo em torno do que se dão voltas, é como um ovo. Ovo do mar, ela é arredondada. Tudo se passa como se ela tivesse posto em torno de si o seu deserto, fora dela. O que está deserto é o oceano que a circunda inteiramente. É em virtude das circunstâncias, por razões distintas do princípio do qual ela depende, que os navios passam ao largo e não param. Mais do que ser um deserto, ela é desertada. Desse modo, mesmo que ela, em si mesma, possa conter as mais vivas fontes, a fauna mais ágil, a flora mais colorida, os mais surpreendentes alimentos, os mais vivos selvagens e, como seu mais precioso fruto, o naufrago, além de contar, finalmente, por um instante, com o barco que a vem procurar, apesar de tudo isso ela não deixa de ser a ilha deserta.<sup>6</sup>

É provável que Daniel Defoe, como nunca esteve na ilha nem nasceu e viveu numa pequena ilha, e tampouco construiu uma casa numa ilha – e muito menos entabulou um diálogo necessário com a natureza – jamais conseguiria montar um romance em que a natureza seria a personagem no lugar do selvagem Sexta-Feira.

Assim, esse ensaio busca estabelecer um diálogo sobre o morar de Heidegger e as passagens de Daniel Defoe em *Robson Crusoé*, evidenciando a fissura civilizatória na aventura de Crusoé, onde o personagem representa a própria civilização desamparada frente à besta natureza; e toda a dificuldade secular em se adaptar a ela, ou domá-la. Um dos temas centrais apontado por Derrida será a solidão de Robson, o tédio da existência longe de seus semelhantes, isolado sem perspectiva; e sempre à espera da chegada de um barco que o resgatasse de sua solidão, de sua condição de hóspede num lugar que não era seu. Derrida trabalhou suficientemente essa questão do isolamento em *A besta e o Soberano II*, e todos os aspectos negativos do isolamento. Há, porém, uma passagem brilhante em que Derrida relata sobre a questão da solidão quando aponta ao fato de se estar sozinho com seu amado, amada no mundo.

Estou sozinho, sozinha com você. Reflitam sobre o abismo de tal frase: estou sozinho, sozinha com você; com você estou sozinho, sozinha; sozinho, sozinha no mundo. Porque, quando se trata de solidão, é sempre sobre o mundo. A relação do mundo com a solidão será o nosso tema este ano. Estou sozinho, sozinha com você no mundo. Esta pode ser a mais bela declaração de amor ou o mais desesperado testemunho, a mais séria afirmação ou protesto de ódio, a asfixia, o próprio afogamento: já que tenho que ficar sozinho, se ao menos pudesse ficar sozinho sem você. Estar sozinho, sozinho comigo.<sup>7</sup>

Para os que não conhecem Robson, o enredo básico de *Robson Crusoé* foi influenciado pela história de Alexander Selkirk, um marinheiro escocês deportado de um barco que viveu durante quatro anos em uma ilha do Pacífico chamada *Más a Tierra*. O marinheiro nunca escreveu suas memórias, mas seus relatos orais como naufrago

2 DERRIDA, 2002.

3 HEIDEGGER, 2011.

4 HEIDEGGER, 2012, p.125-141.

5 DERRIDA, 2015.

6 DELEUZE, 2004, p.9.

7 DERRIDA, 2002, p.21.

foram compilados e escritos pelo capitão inglês que o resgatou, Woodes Rogers<sup>8</sup>, em *A Cruising Voyage round the world*. Rogers se referiu a Selkirk como o “governador” da ilha, um soberano. Selkirk, como fora abandonado e não expulso do navio, pôde permanecer com seus pertences e ainda munido de seu mosquete, pólvora, ferramentas variadas (incluindo suas ferramentas náuticas), uma faca e também uma Bíblia, livros de salmos, algumas peças de roupa e uma corda. Ele passou quatro anos e quatro meses sem a companhia de qualquer humano. Robson, a ficção, passaria 25 anos, e uma das semelhanças mais evidentes da inspiração de Defoe, além da Bíblia e dos livros religiosos, foi a vestimenta de pele de cabra de Robson. No contexto do livro de Defoe, ela aparece absurda e desnecessária, levando-se em conta que a ilha paradisíaca foi transposta por Defoe do Pacífico para o Atlântico, com seu clima temperado, muito mais quente. Selkirk havia aprendido no curtume de seu pai a arte de retirar as peles dos animais, curti-las e produzir novos trajes a partir da pele das cabras, usando um prego para costurar. No livro, porém, Robson não demonstrou conhecimento dessa tecnologia.

Quando não se está em harmonia com o lugar e o tempo, haverá um embate de tempos e pensamentos. Cada lugar nos diz e nos constrói um tipo de pensamento distinto, e é justamente isso que Heidegger disse implicitamente: que o pensar do campo, o ‘estando’ no campo, é distinto do pensar da cidade e na cidade. Imaginemos, portanto, qual seria o pensamento ‘estando’ (*being*) numa ilha isolada; e sendo parte dessa ilha, quais seriam os pensamentos reinantes? Seria realmente de uma soberanidade, como apresenta Defoe e reitera Derrida? O mesmo pensar de um dom na urbe? O que pensaram, então, tanto a ficção Robson como Selkirk com a tênue luz da fogueira ou de uma lamparina em suas cabanas ao olhar as estrelas à noite, deparando-se com sua insignificância? Para um marujo como Selkirk, talvez, ao contrário de Robson, as estrelas na escuridão da noite iluminavam também seu sentido de pertencimento, seu lugar de origem e orientação na imensidão do firmamento. Elas sempre nos situaram e nos centraram; não de dia, mas na escuridão da noite, revelando nossa dimensão pueril e o sentido de habitar no mundo. Já para o cidadão Robson, ao contrário, a claridade das luzes artificiais, já no século XIX, eram capazes de ofuscar o olhar ascendente e ‘desterrar’ cosmicamente.

Segundo alguns estudiosos de Defoe, é provável que ele também tenha sido influenciado pela tradução em latim ou inglesa de *O filósofo autodidata*, do sábio andaluz Ibn Tufail<sup>9</sup>, um romance do século XII publicado pela primeira vez na Europa em latim no ano de 1671. O romance também girava em torno de um personagem isolado em uma ilha deserta, embora os finais sejam distintos. Derrida dedicou uma página a comentar esse romance. Em Defoe, Robson Crusoe voltará à vida de civilizado após ser resgatado, enquanto em Ibn Tufail, o jovem Hayy Ibn Yaqzan irá à civilização, mas retornará para a ilha. Duas faces de uma mesma moeda do abandono. Na estória de Ibn Tufail, Hayy vai parar numa ilha ainda recém-nascido, é criado pela natureza e, somente depois de 50 anos, entrará em contato com a linguagem e a civilização; e optará por retornar à ilha. Ambos, Robson e Havy, decidem retornar à origem. Mas entre uma e outra situação, entre um e outro livro, há um abismo de consciência do que seja o mundo; e do tamanho do próprio mundo. Um construirá um pequeno mundo material, repleto de cercas e defesas, enquanto o outro edificará a harmonia do ser integrado ao cosmos<sup>10</sup>.

8 ROGERS, 1928. Esta obra trata, basicamente, de relatos sobre o naufrágio de Alexander Selkirk. Entrevistado por Richard Steele, o marinheiro teve o artigo sobre suas aventuras publicado no *The Englishman*, tornando-se um sucesso. Daniel Defoe foi um leitor deste livro, e as histórias de Selkirk exerceram grande influência na composição do personagem Robinson Crusoe.

9 IBN TUFAIL, 1150.

10 Ibn Tufail relata o desenvolvimento das faculdades intelectuais de Hayy, seguindo um esquema de sete septênios. Nos seus primeiros sete anos, Hayy é criado por uma gazela, que o alimenta e protege

Nesse sentido, talvez Robson Crusoe constitua um romance mais realista, pragmático; um diário ficcional a partir de uma realidade, onde a luta pela sobrevivência se dá por embate com a natureza. Uma das primeiras coisas que Robson fará, obviamente, é abrigar-se; e depois construir uma casa. Ato fundamental e fundante para um Soberano é ter mais que uma casa, mas um castelo; nem que seja de palha. A casa de Robson se constitui numa estranha casa para os moldes ocidentais. Sendo mais um abrigo improvisado que qualquer outra coisa, ainda assim ele chamará de ‘sua casa’; e às vezes, ao longo de seu diário, referir-se-á como ‘seu castelo’. A casa se resumia a um toldo elevado e parte de um barranco de montanha escavado, onde poderia se abrigar melhor das intempéries, do sol e da chuva. Isso era a casa, sua ‘fortaleza’; companheira não enunciada no relato por ser uma coisa sem alma, apenas uma casa. O toldo funcionava como uma espécie de alpendre/varanda; um pórtico onde colocava embaixo muitos objetos que ia trazendo do barco e ali depositava, dependendo do tipo. Montaria posteriormente sobre ele uma espécie de pergolado. Os comestíveis e perenes eram guardados na pequena caverna, onde também dormia apertadamente numa cama improvisada que logo seria substituída por uma rede. Com o passar do tempo, criaria uma forte muralha de troncos pontiagudos, alguns metros adiante do toldo, em forma semicircular. Uma muralha para se proteger dos animais selvagens e dos possíveis canibais, em caso de ataque.

Robson descreve, acerca de sua habitação, que

era uma tenda encostada num rochedo e cercada por uma forte paliçada de estacas e amarras; mas agora já posso chamá-la de muralha, pois ergui em toda a volta dela uma espécie de mureta de torrões de terra, com dois pés de espessura, pelo lado de fora; e depois de algum tempo, acho que um ano e meio, atravessei em cima da cerca vigas deitadas e do outro lado apoiadas na pedra, que cobri com um telhado de ramos de árvores o melhor que pude para evitar a chuva, que descobri ser muito violenta em certas épocas do ano. (...) A entrada que fiz para esse lugar não foi uma porta, mas uma escada curta para passar por cima da cerca; escada que, depois de entrar, eu também puxava para dentro. Assim eu ficava completamente protegido e fortificado, a meu ver, ‘do mundo inteiro’, e portanto podia dormir seguro à noite, o que de outra forma me seria impossível; embora, como mais tarde ficou claro, não houvesse necessidade de toda essa cautela com os inimigos que eu temia. Para

como se fosse sua mãe. O menino vai crescendo entre os animais no mundo natural e nota as diversas desvantagens de seu corpo, desprotegido e sem armas, em comparação com outros seres. Ao morrer a gazela, Hayy, o menino com sete anos, consternado, examina o corpo dela a fim de encontrar a fonte do mal que provocara sua morte, não achando o mal no corpo, infere disso a existência da alma. Dos 15 aos 21 anos de idade, Hayy adquire o conhecimento da técnica, passa a examinar todas as várias espécies animais, vegetais e minerais. Conhece também o fogo. Melhora suas condições de vida, fabricando diversos utensílios úteis para seu dia a dia. Hayy obtém o conhecimento teórico. Medita sobre a essência da matéria e seus diversos estados e atributos, estabelece a forma e a extensão como atributos da matéria. Esboça-se em seu pensamento uma vaga ideia de um Criador da forma. Hayy ibn Yaqzan observa o céu e seu movimento principalmente as estrelas. Ocupa-se com uma dúvida: seria o universo algo que sempre existiu ou teria começado a existir em certo momento a partir do nada? O filósofo autodidata passa a refletir sobre a essência humana e suas particularidades, sua própria essência e sobre a essência do Ser Supremo. Nesta etapa, Hayy compreende que possui uma parte semelhante aos animais, uma parte semelhante aos corpos celestes e uma parte semelhante ao Ser supremo. Após ter completado 50 anos e ter atingido a grau máximo de sabedoria, Hayy ibn Yaqzan encontra-se pela primeira vez com outro ser humano, Assal, um anacoreta que havia ido para a ilha habitada por Hayy para isolar-se da sociedade. Lá, ele conhece Hayy e ensina-lhe a linguagem. Assal relata a Hayy sobre a tradição religiosa dos homens e seus aspectos exteriores e Hayy deseja ir ter com esses homens e falar-lhes da via direta de contato com a divindade. Não sendo bem-sucedido em seu intento, Hayy e Assal retornam à ilha, onde vivem até o final da vida em êxtase místico.

dentro dessa estacada ou fortaleza, com labor infinito, transportei todos os meus haveres, todos os meus mantimentos, toda a munição e tudo mais que mencionei acima. E arrei uma tenda grande que, para me proteger das chuvas que naquela parte do ano eram lá muito violentas, era feita de dois panos, a saber: uma tenda menor por dentro e uma tenda maior por cima desta, coberta ainda por cima com um grande encerado que encontrei no navio junto com as velas. E agora já fazia algum tempo que não dormia mais na cama que tinha trazido do navio, mas numa rede; que era na verdade muito boa e pertencia ao Piloto do navio.<sup>11</sup>

Robson construiu sozinho toda sua casa, cercanias e cercas. Sim, foi capaz disso. Heidegger, em seu artigo, *construir, habitar, pensar*, evidencia a importância do construir, e que 'construir' em alemão é *bauen*, e esse *bauen* tem seu sentido e significado também no cultivar, no cuidar, no proteger. Ele se constitui como uma 'ura', está na base da cultura; é um cultivo. Ou seja, para Heidegger, de um modo mais poético, a construção – esse habitar enquanto cultivo, cuidado – é também relação de amorosidade entre os deuses, a terra e os humanos. Embora não expresse isso, mas é exatamente enquanto cultura, constituição de cultura, que o construir (*bauen*) estará também nas origens da domesticação, assim como a própria linguagem. Nesse sentido de cultura, está incluído o sentido de manter a própria habitação, o habitat, o hábito; e ademais, o preservar-se de tudo que se apresente como perigo. O morar é uma das marcas mais visíveis da cultura. Para o antropólogo John Zerzan, crítico ferrenho da domesticação humana, é exatamente essa cultura – o construir, o morar – que propicia o processo e o início da domesticação. Podemos considerar também que morar é cultivar, 'culturar'; e o que entendemos e 'culturamos' como cultura, grosso modo, nada mais é que os ditos benefícios da domesticação. Cultuamos a domesticação como representação da soberania humana frente à natureza e a todas as bestas-feras, nossa separação tão representada no mito cosmogônico católico cristão do afastamento do paraíso.

Construir não é um meio para se conseguir morar. Construir, para Heidegger, não é em sentido próprio um pré-requisito ou uma intermediação para estar dentro da casa, mas algo simultâneo; obrar e morar. Ainda que seja uma questão óbvia, não é tão óbvia assim. Não é só construindo que eu moro ou vivo de fato, ainda que o construir seja inseparável desse morar e vice-versa. Morar, construir e pensar interagem simultaneamente. Morar não é simplesmente morar; habitar não é somente habitar. Para ele, "construir já é em si mesmo morar, viver (habitar)"; e esse habitar não é só uma exteriorização material, mas implica também uma interiorização, uma incorporação, uma 'habituação' que se leva e se aplica quando necessário em qualquer situação em que tenha que se pensar, morar e construir; bastante visível nos hábitos culturais dos imigrantes.

Não há um modo único de morar, viver nesse mundo. Cada cultura mantém uma relação direta com a natureza e com o mundo através de seu modo de morar, viver, esteja ela em harmonia com a natureza ou dissociação, e até mesmo diabolização. Mas o projeto único de morar, esse modo único de morar, pensar e construir é o que nos define hoje como domesticados, civilizados. Uma vez submetidos à tirania das regras do morar, da linguagem e das técnicas construtivas, deve-se acrescentar ainda a domesticação, a exploração da natureza, a domesticação da visão, do tempo, da família, da mulher, dos filhos, dos animais etc. Restam-nos poucos recursos para sair dessa condição. Para Heidegger, a tecnologia já se constituía a grande máquina do enquadramento, do desespero e da desesperança. Descrente da tecnologia com relação à bomba atômica, de alguma maneira já havia percebido esse processo de

11 DEFOE, 2001, p.67.



Figura 2 – Fonte da imagem: <https://www.alamy.com/stock-photo-illustration-from-a-nineteenth-century-edition-of-robinson-of-90847592.html>

dominação exercido pela tecnologia. Civilização (o humanismo) e tecnologia estão fortemente aderidas. Esse fato é assinalável em Robson quando ele resgata todas as ferramentas do navio naufragado necessárias para sua sobrevivência. As tecnologias, principalmente a partir do século XVIII, já eram parte para viabilizar o grande projeto universal da domesticação humana.

Robson precisava se habituar, habitar, viver a nova situação. Para ele, tratava-se, então, de recompor e restituir seu modo de vida o mais próximo possível de seu lugar de origem. Para isso, contava com as ferramentas e tecnologia a bordo do navio para tornar seu espaço no mínimo 'habitável'. Tornar habitável significava para Robson recuperar o domínio, ser Dom de si novamente. O hábito enraíza-se no habitar, e o habitar por sua vez enraíza-se num certo hábito. Heidegger chama nossa atenção à escuta dessas palavras relativas ao morar, escavando-as até que ressoe em seu sentido original. "Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a vários outros modos de comportamento"<sup>12</sup>.

O construir para Heidegger, como dito anteriormente, é uma 'ura', assim como a agricultura, ou seja, morar e construir são cultivos e cativos, semeadura, criação que requer cuidado, proteção e trato. Em outra sinonímia, pode-se falar que requer 'manutenção', *maintenant*; uma estrutura que suporte o cativo e o cativo. Esse construir enquanto cultivo, criação, não é isenta da domesticação para a cultura europeia. Ao contrário, ela só se exerce graças à força, castigos e mortes, escravidão, serventia e espoliação sobre os diferentes povos, sobretudo a partir do século XVII. Para Heidegger, esse cuidar poeticamente não pressupõe a violência de retirar as coisas de seu lugar natural, submetendo-as à doma, mas sim um trabalhar em harmonia com a natureza, o tempo e o cosmos, como por exemplo, a relação dos nômades mongóis

12 HEIDEGGER, 2012, p.127.

com os iaques, ou o cultivo sustentável da mandioca dentro da selva, por parte dos indígenas na Amazônia a partir de seus ancestrais.

Construir significa cuidar do crescimento que, por si mesmo, dá tempo aos seus frutos. No sentido de proteger e cultivar, construir não é o mesmo que produzir. Nessa busca dos sentidos das palavras, Heidegger encontra uma relação importantíssima:

Quando a palavra *bauen*, construir, ainda fala de maneira originária diz, ao mesmo tempo, *que amplitude* alcança o vigor essencial do habitar. *Bauen*, *buan*, *bhu*, *beo* é, na verdade, a mesma palavra alemã '*bin*', eu sou nas conjugações *ich bin*, *du bist*, eu sou, tu és. (...) Significa: eu habito, tu habitas. A maneira como tu és e eu sou, o modo segundo o qual *somos* homens sobre essa terra é o *Buan*, o habitar.<sup>13</sup>

Heidegger não pensa a particularidade das casas, antes de qualquer coisa, num sentido ascendente de entendimento do que seja viver, morar, habitar na terra, uma compreensão topológica, de cada lugar específico. Para ele, antes de nada, ser homem é "ser como um mortal sobre essa terra"<sup>14</sup>. Morar "é perceber-se enquanto ser de sua mortalidade sobre a terra". Nesse sentido, Heidegger se aproximou séculos depois ao personagem Hayy ibn Yaqzan quando observava o céu e seu movimento. O filósofo autodidata, já quase próximo aos cinquenta anos na ilha, passou então a refletir sobre a essência humana e suas particularidades, a sua própria e sobre a essência de um Ser Supremo. Nesta etapa, Hayy compreendeu que possui uma parte semelhante aos animais, uma parte semelhante aos corpos celestes e uma parte semelhante ao Ser Supremo; todo o oposto de Robson, que não cessaria de construir cercas e muralhas, armadilhas para a manutenção de seus animais cativos e de se isolar da natureza.

Na medida em que Robson construía sua morada, simultaneamente reconstruía os seus hábitos originais. Estabelecia seu domínio, sua redoma, porque o morar não é uma coisa derivada do que se constrói, e sim o construir busca restituir e adaptar sincronicamente este morar já incorporado. Ao longo da descrição de Robson, ao construir sua habitação, podemos observar esse processo que culminaria numa fortificação para se proteger.

Debaixo dessa tenda abriguei todos os meus mantimentos e tudo que pudesse estragar-se com a água; e, tendo assim protegido todos os meus haveres, fechei a passagem na cerca que até então deixara aberta, e passei a entrar e sair, como já contei, por uma escada curta. Isto feito, comecei a avançar morro adentro e, trazendo para fora toda a terra e todas as pedras que escavava para a área coberta por minha tenda, fui distribuindo todo o material por dentro da minha cerca, ao modo de um terraço, aumentando o nível do terreno cercado em mais ou menos um pé e meio; e assim criei uma caverna logo atrás da minha tenda, que serviu como celeiro para a minha habitação.<sup>15</sup>

Já observei como trouxe todos os meus pertences para debaixo desse teto, e para dentro da caverna que tinha cavado atrás de mim; mas devo observar, ainda, que num primeiro momento era um amontoado de mercadorias que, por se acumularem sem qualquer ordem,

13 HEIDEGGER, 2012, p.127.

14 Ibid., p.127.

15 DEFOE, op. cit., p.67.

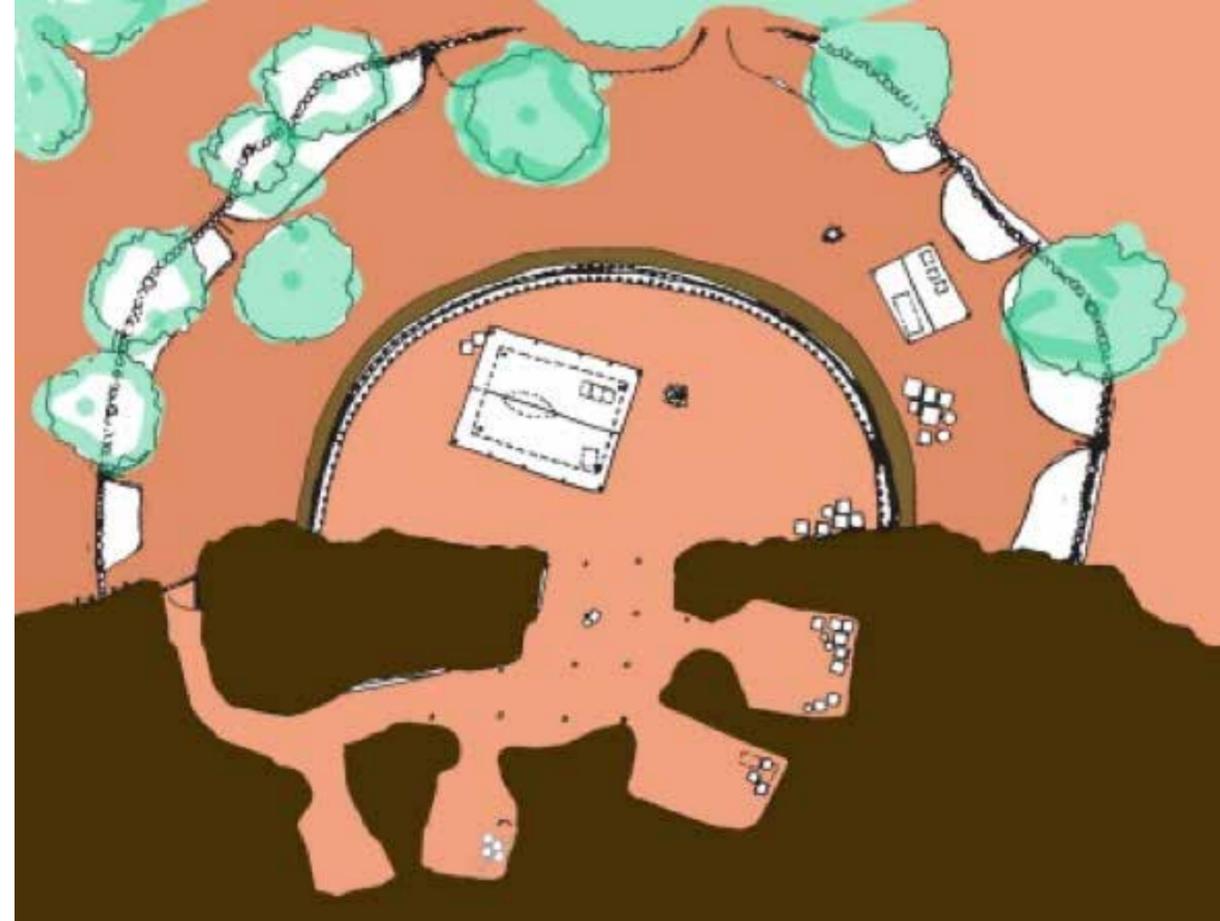


Figura 3 – Planta da casa de Robson colorida a partir do desenho apresentado no site 'Crusoé House': <http://crusoehouse.blogspot.com/>

ocupavam toda a minha área. Não me sobrava nem espaço para me virar, de modo que decidi aumentar minha caverna terra adentro; pois era uma terra solta e pedregosa, que cedia com facilidade a meus esforços para escavá-la. E assim, depois de concluir que estava a salvo de feras vorazes, comecei a cavar para o lado direito na pedra; e depois, virando novamente à direita, cavei até sair da rocha, produzindo uma porta de saída que se abria além da minha paliçada ou fortaleza. Isso me criou não só um caminho para entrar e sair, mal comparando uma entrada dos fundos para minha tenda e meu depósito, como ainda me proporcionava mais espaço para armazenar meus bens<sup>16</sup>.

Robson nunca entendeu que sua casa primeira era agora a ilha, em sua circularidade cíclica de espaço e de um tempo cíclico que até então desconhecia. Ele optaria por continuar assinalando nas paredes da caverna o tempo datado, riscado, o tempo cronológico. Era agora um hóspede na ilha, e não suportava seu hospedeiro; não conseguia perceber o acolhimento para reverter essa situação. A primeira coisa que fez foi repetir a separação do mundo doméstico, domesticado, da selva (cultura vs. natureza), através da construção de sua casa num modelo europeu defensivo, de castelo ou de forte apache americano, isolando sua casa do restante da ilha. Ele criaria sua própria clareira, sua diminuta *urbe* amuralhada, onde guardaria seus pertences e suas crias domesticadas, as cabras e um cachorro, longe das feras, das bestas. Ele acredita ser o Soberano, ele pensa ser o Soberano; não aceita a ilha, não aceita sua condição de refém da ilha, 'ser-estar' possuído pela isola, pelo isolamento; não suporta ser isolado do mundo. Só lhe resta, ante esse 'fim do mundo', resistir, e sua estratégia defensiva, além do cercamento, será o ocultamento, a mimetização, a camuflagem.

16 Ibid., p.77.

Assim, ao cabo de dois anos se formou um matagal cerrado, e dali a cinco ou seis uma verdadeira floresta em torno da minha habitação, tendo crescido com uma força e uma proximidade tão tremendas que se tornou perfeitamente impenetrável. E homem algum, do tipo que fosse, poderia imaginar que houvesse alguma coisa para além dela, muito menos uma habitação.<sup>17</sup>

Robson recria o modelo da casa protegida, amuralhada. O espaço entre a caverna e a muralha se dá através de duas áreas bem assinaladas: uma com o toldo que funciona como um entre espaço entre o aberto e o fechado, tipo uma varanda; e o outro entre a muralha e a varanda, como um pátio dentro do cercado.

O personagem Robson é um duplo ilhéu; provém de uma ilha, nasce numa ilha e vai naufragar noutra, e ilhar-se com sua paliçada. Para os ingleses, sua ilha sempre se constituiu o centro do mundo; e todo o resto do mundo, com exceção de alguns países da Europa, era simplesmente selva, um mundo selvagem a ser explorado, colonizado, catequizado. Necessário recordar que na estória, Robson naufraga quando estava a bordo de uma expedição negreira ilegal. No Brasil, ele possuía um canavial, um engenho. Era um 'sinhozinho', um coronel, e já havia estado também no Marrocos, no norte da África. Talvez a melhor qualificação para Crusoé seja de um "capitalista aventureiro e fiscalizador", que naufraga. Simplesmente naufraga.

Ao estabelecer o cercamento com suas estacas pontiagudas, 'ninguém entra ninguém sai', exceto pela escada. Robson se isola dentro do próprio isolamento da ilha, cria uma nova clareira, e nessa pequena clareira, e em toda ilha-clareira, ele seria o grande senhor. Por outro lado, enquanto Soberano, se tornaria também vítima do desespero da espera, na desesperança. No momento em que cria a pequena clareira, se isola; e reafirmará que todo resto da ilha se constitui numa selva perigosa, onde as bestas selvagens perambulam. Até o momento em que perceberá que não eram tão bestas assim. Havia cometido uma *bêstise*, uma burrada. Ao fim e ao cabo, como diz Derrida, "quem é a besta e quem é o soberano?" Essa clareira fortificada representava sua defesa e um campo de domesticação das cabras, um lugar aberto e seguro para seu cão, e para gatos selvagens, semidomesticados, que espantavam os ratos que apareciam com frequência. Das cabras, ele retiraria o leite e sua carne; e parece que Robson, como bom inglês, preferia carne de cabra e cabrito à carne de peixes, abundantes na ilha, como relata a passagem:

Pois eu havia concluído que, se tinha a intenção de me abastecer de carne de cabra depois que acabassem minha pólvora e minha munição, a única escolha era criar algumas cabras mansas, que talvez pudesse manter em redor da minha casa como um rebanho de carneiros. Mas em seguida me ocorreu que era preciso manter as cabras mansas separadas das selvagens, ou então elas sempre fugiriam quando chegassem à idade adulta, e a única maneira seria ter uma parcela de terreno reservada, bem cercada com estacas ou uma paliçada, para mantê-las presas de modo que as que estavam dentro não pudessem sair, nem as de fora pudessem entrar.<sup>18</sup>

Não contente com a primeira fortificação, criaria uma segunda, mais extensa, e que abrangeria a primeira fortificação; sendo essa mais baixa e com troncos mais espaçados, destinados apenas para as cabras não saírem, funcionando também como

primeiro território de alerta de chegada de algum invasor canibal.

Ali ao lado eu mantinha meus cercados para a criação ou, melhor dizendo, minhas cabras. E, assim como eu me dera a um trabalho inconcebível para cercar essa área e mantê-la isolada, sentia-me na obrigação de cuidar para que a cerca não se rompesse e as cabras não pudessem escapar, a ponto de nunca sair de lá sem antes reforçar com um trabalho infinito o lado exterior da cerca com inúmeras estacas pequenas, tão próximas umas das outras que na verdade formavam antes uma paliçada que uma cerca, mal sobrando espaço para que eu pudesse passar uma das mãos entre elas.<sup>19</sup>

Robson temia os canibais. Era como ver o demônio, e com razão. Então, cercava tudo. Estabelecia clareira dentro de clareira, ilha dentro de ilha, fortificava dentro da fortificação, com medo dos canibais. Assim descreve

No entanto, comecei a cultivar tamanho horror a esses selvagens nefandos de que falo, e de seu costume desumano e execrável de devorarem uns aos outros, que continuei pensativo, e triste, e me mantive restrito ao meu próprio círculo por quase dois anos depois desses acontecimentos. Quando falo do meu círculo, quero dizer as minhas três herdades, a saber: meu castelo, minha sede de campo, que eu chamava de minha cabana, e o campo cercado no meio da mata.<sup>20</sup>

Robson cercava tudo, até suas plantações; e deixava seu cão como guarda. O importante era isolar o que produzia dos inimigos naturais. Robson desconhecia outra técnica de "cultivo", cultivando os alimentos como um campo militar.

Num primeiro momento, as cabras e as criaturas selvagens que eu chamava de lebres que, sentindo o bom sabor daquelas folhas, assolaram as plantações noite e dia desde que elas começaram a brotar, e comiam as plantas tão rente ao solo que estas não teriam tempo de brotar suas espigas. Para isso não vi outro remédio além de erguer uma cerca em torno de toda a plantação, o que fiz com grande esforço; e mais ainda, porque precisava fazê-la depressa. No entanto, como a área que eu tinha arado era pequena, de acordo com minha lavoura, consegui cercá-la toda em perto de três semanas e, atirando em alguma das criaturas durante o dia, deixei meu cachorro guardando a plantação durante a noite, amarrado a um dos esteios do portão da cerca, onde ele ficava a postos, latindo a noite inteira. Assim, em pouco tempo, os inimigos abandonaram o lugar, e os cereais cresceram muito fortes e bem, começando a amadurecer no devido tempo.<sup>21</sup>

Com os Yanomami, por exemplo, tudo ao contrário. Eles abrem uma clareira na floresta sem cercas, para apenas insolar. Deixam os troncos caídos secarem ao sol, cultivam as roças por cerca de dois a três anos, antes de esgotar o solo, e vão buscar uma nova área. Sempre retornam à roça anterior para coletar frutas, como banana e pupunha, sem cercá-las. As plantas misturam-se em diversos pontos da roça, imprimindo à

17 Ibid., p.137.

18 Ibid., p.137.

19 Ibid., p.142.

20 Ibid., p.150.

21 Ibid., p.115.

colheita uma movimentação difícil por entre ramos e troncos espalhados por boa parte do terreno.

O bondoso Robson relata como se deu a primeira captura de uma cabra, e parece que havia muitas na Desesperança, assim como também na *Más a Tierra* de Selkirk.

Com o primeiro tiro que disparei contra uma dessas criaturas, matei uma fêmea tendo ao pé um filhote que ainda amamentava, o que muito me doeu. Mas quando a mãe desabou o filhote ficou muito quieto junto a ela até eu chegar e pegá-la nos braços; e não só isso, mas quando saí tendo a mãe estendida nos ombros, o filhote me seguiu até minha paliçada: ao que pousei a cabra no chão e peguei o filhote nos braços, transportando-o por cima da cerca, na esperança de amansá-lo; mas ele não conseguia comer, de maneira que me vi obrigado a matar o filhote e comê-lo eu.<sup>22</sup>

“Quem é o soberano, quem é a besta canibal? O selvagem era agora um bom Cristão, muito melhor que eu”.<sup>23</sup>

Para Heidegger a linguagem constrói (*bauen*) o homem, o homem mora (*wohnen*) na linguagem, e a linguagem para Heidegger constitui-se numa espécie de clareira; assim também como se pode apropriar e inferir como clareiras físicas, tal como descrevi em *Sobre cadeiras e clareiras*<sup>24</sup>. O homem funda a clareira a partir do momento em que permanece no lugar; ele, ela ‘são’ e ‘estão’ situados nessa clareira. Para Heidegger, a moradia humana está na clareira da linguagem. O *Dasein* é o ser-aí-no-mundo, o estar no mundo, na ilha, estar isolado e desolado. Esse pensar já está no morar, e esse pensar também mora no construir; e o construir está no morar, no pensar. Um jogo de reenvios. Mas, esse “eu que constrói o que penso”, é também o ‘eu’ que fala. Assim, eu também principalmente “habito e me habito no que penso”, no que falo e no que moro. Moro e habito a linguagem, habitando e habituando esse pensar. Habito, sou habituado, me habito. É exatamente habituando o pensar que construo e domestico o mundo. Em outras palavras, a domesticação é sempre estrutural.

‘Ser’ e ‘lugar’ são indissociáveis. O *Dasein* é inseparável de seu lugar, de seu *topos*<sup>25</sup>. E esse *topos* fala, ele não é inócuo; não é um espaço abstrato, um objeto, ou plano onde se constrói, mas um ‘vivo pensante’ onde moram outros seres vivos. Ele faz pensar (*denken*); dá o que pensar e dá o pensar, faz pensar um determinado pensar. O ser-no-mundo, esse ‘estar aqui’, segundo Heidegger, é o que angustia e também aburre, bestializa. Essa angústia está relacionada a um “não mais nos sentirmos em casa”. Na verdade, o personagem Robson passaria por um processo forçoso de desconstrução mediante a força da natureza, mas simultaneamente resistia e reconstruía a familiaridade da origem. A ideia de civilização conseguiu mediante a recuperação expressa na pequena tecnologia e ferramentas que podia portar e transportar da balsa da civilização até a ilha, enquanto não afundava definitivamente. O naufrágio da civilização. Hoje poderíamos reiterar dizendo que agora são as próprias ilhas que estão se afogando, naufragando devido ao superaquecimento do planeta. O mundo-ilha está se afogando.

22 Ibid., p.68.

23 Ibid., p.68.

24 FUÃO, 2019.

25 Ver sobre a espacialidade do *Dasein* (*die Räumlichkeit des Daseins*) em Ser e Tempo (HEIDEGGER, 2011, p.164) e em Esferas I: bolhas (SLOTTERDIJK, 2016, p.301-310).

### “Pobre Robson Crusóé, como veio parar aqui” (Pol)

Certamente o que Robson construiu nunca se tornaria um lar, não por sua precariedade, mas sim porque tudo ali era desconhecido. Era só uma questão de sobrevivência, um abrigo temporário devido a sua expectativa de um dia ser resgatado. Tudo o que Robson tinha feito na vida era colonizar e explorar no *Brasi* (Brasil). Melhor: mandava os pobres escravos trabalharem a terra nos plantios de cana de açúcar para extrair mais-valia de seu trabalho, produzir. Devemos evocar uma vez mais Heidegger para explicar essa diferença entre construir e produzir. Construir é edificar lugares, mas esse construir tem um sentido distinto de um edificar, ou produzir; como, por exemplo, construir um edifício ou construir uma obra ou um objeto. Para ele, construir é também um fundar, articular espaços, cuidar, cultivar, plantar na medida da natureza e na ‘simplicidade’, apenas ‘deixar ser’, ‘deixar estar’ as coisas no mundo e não as retirar de seu lugar, apenas deixar ali, porque todo ser vivente apenas quer viver, permanecer no lugar segundo sua vontade

A ‘simplicidade’ para Heidegger era coerente com o morar em sua cabana na *Floresta Negra*, integrada à natureza. Esse ‘estar ali’ significava o entendimento, a iluminação do que possa se constituir na morada do ser. Para ele, a autenticidade era a simplicidade. Construir era pensar através da natureza, de sua fala, seu sussurro. Assim, ele aprendia que deixar estar é construir. Questão difícil para os arquitetos entenderem, pois estão sempre preocupados com a forma e sua aparência, e a necessidade imputada à profissão de ter que construir, e de preferência com generosidade e monumentalidade. A simplicidade passa a ser entendida como a capacidade de organizar ‘racionalmente’ os espaços. Para Heidegger, a cabana era sua companheira em sua simplicidade absoluta, ela de algum modo também lhe falava em sua nudez e nudez, despojada de qualquer vestimenta. Ela também, enquanto arquitetura e balsa da existência, apontava a relação entre a ‘quadratura’. Resguardar a quadratura, ou seja: salvar a ‘terra’, acolher o ‘céu’, suspender o céu, aguardar os ‘divinos’, acompanhar os ‘mortais’. Esse resguardo de quatro faces, para Heidegger, era a essência simples do viver e morar, do ‘bem viver’ como dizem os indígenas ancestrais *Quetchuas* na América do Sul.

No desenrolar das páginas do diário, Robson Crusóé parece começar a entender, com o passar do tempo, a simplicidade da vida através da natureza, em sua estância. Descreve Robson,

Mas só o que tinha valor era aquilo de que eu precisava. Contava com o suficiente para comer e suprir minhas necessidades, e de que me interessava o resto? Se eu matasse mais caça do que poderia comer, meu cão ou os vermes precisariam comê-la. Se semeasse mais grãos do que tinha como comer, eles se estragariam. As árvores que eu derrubava ficavam tombadas no chão e ali apodreciam. Só me serviam como lenha; e de fogo eu só carecia para preparar minha comida. Numa palavra, a natureza e a experiência das coisas me ditavam, depois de uma ponderada reflexão, que todas as boas coisas deste mundo só são boas para nós na medida em que nos têm algum proveito, e que tudo que podemos juntar para dar a outros só nos vale alguma coisa na medida em que nos for útil, e não mais. Em meu lugar, o avarento mais ganancioso do mundo se veria curado de seu vício da cobiça, pois eu possuía muito mais do que podia dispor.<sup>26</sup>

26 DEFOE, op. cit., p.124.



Somente sendo capazes de compreender o que é morar é que podemos construir uma arquitetura capaz de suportar, portar, manter a vida em toda a sua complexidade. Algo bem distante (*so far away*) do que é ensinado para os arquitetos na academia, até o presente momento. Pelo que Defoe descreve de Robson, ele nunca soube como construir uma habitação, ou sequer uma habitação primitiva. Preferiu escavar num barranco uma caverna a pensar como os ilhéus construía há séculos suas moradas. Esse é um dado curioso no relato de Defoe. Se Robson foi baseado na odisséia do marujo Selkirk, então por que ele não reproduziu em sua narrativa o modelo da casa de Selkirk? Segundo o relato de Selkirk, as ferramentas que trouxera em seu abandono na ilha (ferramentas náuticas, uma faca e uma corda), haviam lhe permitido construir, próximo a uma fonte de água, “duas cabanas em forma de casa a partir de árvores de pimenta-da-jamaica”<sup>27</sup>.

A ilha (*isola*) a água que (a)guarda a terra. Esse aguardar tem o mesmo sentido que a espera contém, o desejo de contenção. Robson espera uma chegada, um barco; está sempre olhando para a linha do horizonte em busca de uma salvação: um barco inglês. Mas seu olhar era também apreensivo com as canoas dos canibais. Ele espera uma conexão, um barco; uma ponte que o leve de volta à sua velha Inglaterra. Ele está desterrado, sem chão, longe de sua terra natal, sua querência. Sente-se abandonado. O que é o abandono se não uma espécie de naufrágio. Espera que a civilização venha lhe resgatar, a velha mãe colonizadora inglesa. A ilha grande resgatando outra ilha, a soberana resgatando desgarrado civilizado perdido no meio do oceano Atlântico.

<sup>27</sup> Segundo o capitão Woodes Rogers, em *A Cruising Voyage round the World*, ele construiu duas cabanas com árvores de pimenta, cobriu-as com folhas longas e com peles de cabra. Na cabana menor, a alguma distância da outra, guardou seus alimentos; e na maior ele dormia (ROGERS, 1928, p.92).

Derrida, em *Faxitextura*<sup>28</sup>, ao questionar o par de oposições origem e fim, aqui e lá; colocará em seu discurso a questão da transumância. Para isso, recorreu chamando a questão arquitetônica e do urbanismo às figuras de linguagem: o *topos* e o *tropos*. Para ele, a Retórica se apresenta como uma teoria dos lugares que correspondem a uma topologia e tropologia. Os *tropos* são voltas, mudanças de lugar, de um lugar para outro: deslocamentos, viagens, transferência ou transposição, metonímia ou metáfora, tradução, mas também transumância. A partir disso, Derrida exemplificará com a ‘citação’, por sua vez, e mais do que nunca a citação numa tradução, é o equivalente também de uma transumância. A etimologia demonstra a ação de transferir, deportar, exportar deslocar de um lugar para outro, tal como aconteceu com Selkirk, e também similar ao que ocorre no processo da *collage* com as figuras recortadas que são transportadas para outra imagem, outro contexto, outro lugar. Entretanto, a transumância é algo sério em termos de políticas de migração, e não pode ser comparada com a uma questão linguística ou de *collage*. A transumância, de algum modo, sempre promete algum retorno à origem. Espera voltar-se à origem, à querência. Uma transumância consiste em migrar, mudar de terra ou terreno, ir de uma terra à outra, muito além (*trans*). O conceito de transumância geralmente é utilizado para se referir a uma população animal em migração, o movimento de um rebanho acompanhado ou conduzido por um pastor; assim também para populações que são forçadas a sair de seus territórios, diáspora. Tomada literalmente, a palavra ‘transumância’ designou por muito tempo um nomadismo regular, regulado pelo curso das estações, organizando o habitat do homem em harmonia com a *phýsis*, a vida da natureza. Pode-se considerar a transumância também algo situado entre a vida supostamente selvagem – a criação sem domesticação – e a vida civilizada, um caminho entre um e outra. Também se aplica, evidentemente, para a passagem de uma vida nômade para uma sedentária.

A construção da casa-refúgio, o isolamento de Robson para se proteger era uma obsessão: viver em uma ilha já é viver de certo modo num refúgio, mas Robson queria mais, queria um refúgio sitiado, um refúgio no qual o refugiado se refugia numa praça forte sitiada, numa clareira, fustigada e cercada desde dentro e desde fora pela floresta que avançava, com o intuito de mimetizar-se.

Assim, ao cabo de dois anos se formou um matagal cerrado, e dali a cinco ou seis uma verdadeira floresta em torno da minha habitação, tendo crescido com uma força e uma proximidade tão tremenda que se tornou perfeitamente impenetrável. E homem algum, do tipo que fosse, poderia imaginar que houvesse alguma coisa para além dela, muito menos uma habitação. Quanto ao modo que escolhi para entrar e sair, pois não deixei uma alameda aberta, era por meio de duas escadas: uma até um trecho da pedra onde havia um ressalto a pouca altura que avançava para dentro, em que podia apoiar outra escada. Assim, quando as duas escadas eram retiradas, não havia homem que pudesse chegar a mim sem se ferir; e se algum lograsse descer, ainda estaria fora da minha muralha exterior.<sup>29</sup>

Robson sentia-se o Soberano com suas propriedades, isolado, mas ainda Dom, Amo de tudo. Seu único e principal inimigo era a natureza, que às vezes lhe ajudava e às vezes lhe prejudicava. Associava isso à Providência; a Divina Providência. A despeito

<sup>28</sup> “Em princípio, a citação-tradução, que comparo no momento a uma transumância, sempre parece possível, e de qualquer lugar para qualquer outro lugar, de qualquer lugar para qualquer lugar. Uma citação de transumância sempre parece possível. Da tradução, recepção e reciclagem de um pensamento, o movimento da citação, como o incitamento a citar, pode parecer vir de qualquer lugar” (DERRIDA, 2015, p.266).

<sup>29</sup> DEFOE, op. cit., p.148.

de Derrida, não creio que Robson gostasse de sua ilha, mesmo referindo-se como o Soberano da ilha. Se amasse a Desesperança, não voltaria para a civilização. Ficaria portando, lado a lado com seu escravo e companheiro Sexta-feira, ilhados até a morte. Entretanto, ambos embarcariam para Inglaterra. Robson nunca abandonaria seu companheiro e servo, a besta domesticada, agora não mais canibal. Assim como Sexta-Feira nunca quis retornar ao seu povo sem Robson.

É estranho que Derrida, ao longo das 400 páginas ou mais de seu seminário sobre *A besta e o Soberano*, e sua leitura pormenorizada de Robson, não tenha se dedicado sequer por alguns segundos sobre a casa e arquitetura de Robson Crusóé, dada sua aproximação com a desconstrução da arquitetura e o desconstrutivismo. Teria negligenciado Derrida a casa de Robson porque era um simples abrigo sem significância? Estranho. E por que Derrida, ao falar da animalidade em Robson e Heidegger, se esquece da questão do cativeiro, do cercamento, da cela para os animais, para as bestas? Robson havia colocado Sexta-Feira junto às cabras entre a primeira muralha e a segunda. O naufrago comenta em seu diário que

No dia seguinte à minha chegada com ele à cabana, comecei a me perguntar onde deveria alojá-lo, um lugar que fosse bom para ele e me deixasse à vontade. Construí uma pequena tenda para ele no espaço vazio entre as minhas duas fortificações, do lado interno da última e do lado de fora da primeira; e como havia uma entrada, ou porta, para a minha caverna, fabriquei uma moldura formal de porta e uma porta de tábuas para elas, que ergui na passagem, um pouco para dentro da entrada. E como a porta só abria por dentro, eu a trancava à noite, recolhendo também as minhas escadas, de maneira que Sexta-Feira não tinha como chegar a mim dentro da minha muralha interna sem fazer tanto barulho no processo que necessariamente haveria de me despertar, pois o espaço cercado por minha primeira muralha ficava agora totalmente coberto por um telhado construído sobre longas travessas, protegendo toda a minha tenda e apoiando-se na encosta da colina, guarnecido de galhos mais finos atravessados no lugar de ripas, nos quais se apoiava uma grande espessura de palha de arroz, que era forte como caniços. E no buraco ou passagem deixada para que eu pudesse entrar ou sair pela escada, eu tinha feito uma espécie de alçapão, que se tentassem abrir por fora não tinha como ser manejado, caindo para dentro e fazendo muito barulho. E, em matéria de armas, eu recolhia todas para o meu lado a cada noite.<sup>30</sup>

Derrida parece obcecado por Heidegger, com razão, e sua negligência aos animais como seres inferiores e distintos, não portadores da linguagem. Para Heidegger, “os animais não morrem, somente os homens”, porque os animais não enterram seus mortos. Derrida esquece-se que o ponto de partida mais pertinente ao formular sua análise sobre Robson poderia ter sido não somente a questão da solidão, o tédio, a insularidade; mas sobretudo como Robson habitou, construiu e o que pensou durante 28 anos na ilha, que descreve com detalhes Defoe. Sobretudo o tema da religiosidade cristã desesperada frente ao medo da morte, que atravessa toda a estória. A Bíblia era a única coisa que tinha para ler, era sua boia de salvação, com que conversava.

Heidegger, em *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*, trata da questão dos humanos e da animalidade como conceitos, abstração. A ideia de animais ainda aparece como conceito generalizador. O grande espectro onde todos

os animais são conceituados como animais, independente de suas particularidades. Para Heidegger, a diferença entre o homem e o animal é que não existe uma diferença de gênero ou de espécie, mas uma diferença ontológica, razão pela qual o primeiro não pode ser concebido sob nenhuma circunstância como um animal com algum acréscimo cultural ou metafísico (alma, espírito). Para Heidegger, eles são ‘pobres de mundo’, ‘pobres no mundo’, pobres bestas. O que de certa forma, esse ser pobre de mundo de Heidegger pode ser deslocado para ‘pobre no mundo’, e serão justamente esses ‘pobres no mundo’, esses miseráveis que vão ser constantemente recrutados e estigmatizados como animais até hoje pelos civilizados. É claro que essa pobreza de mundo tem seu análogo na limpeza, no higienismo do mundo e no eugenismo. Para Derrida, essa limitação de visão sobre o mundo animal de Heidegger corresponde analogamente à circunscrição da ilha de Robson, “o contorno da ilha na qual o homem robsoniano não se relaciona com os animais, mas sim para ele mesmo em vistas ‘dele para si’”. Assim é como os robsonianos se relacionam com o animal que ele come, domestica, doma, escraviza e explora como uma coisa pobre no mundo”<sup>31</sup>.

A narrativa é nítida. O drama se passa com a carne vermelha, a carne das cabras e a carne humana. Os peixes e frutos do mar não aparecem como alternativas, e o pobre Sexta-Feira aparece como um viciado em carne humana, quando se sabe que a antiga prática canibal era eventual para as tribos canibais, fazia parte de rituais. Já os peixes não entravam no cardápio inglês.

Enquanto isso, no pensamento ameríndio, na grande maioria do pensamento dos indígenas da América Latina não se encontra essa generalização tão demarcada, ‘humanos e animais’. Desde cedo, a criança entende que cada animal é único, e é justamente isso que o povo Guarani chama – xamã –, de ‘nomeação do mundo’: a época em que levam suas crianças para o mato para lhes mostrar cada espécie, cada animal, mostram a família de bugios que habitam determinada árvore, o seu *topos* exclusivo e seu território. Os jacarés, as corujas, a onça. Cada ser ou grupo ocupa um lugar privilegiado na natureza, tal como os ditos humanos. A ‘nomeação do mundo’, nada a ver com a *Welt* germânica, de Heidegger. Dependendo da etnia, os indígenas, ao morrerem, podem se transmutar em uma onça, num pássaro, numa montanha ou até numa estrela. É fabulação de mundo, onde cada ser conversa com outros numa rede de comunicação infinita, como descreveu Ailton Krenak.

Krenak resgata criticamente o conceito de humanidade e humanos, os civilizados e a sub-humanidade (os indígenas, os quilombolas, os miseráveis), sendo a primeira responsável pela devastação e miséria e a segunda tudo aquilo que não carrega os mesmos valores pregados pelos opressores. A humanidade desde o século XVIII se guia pela ideia de predestinação de um determinismo evolucionista e de uma mortalidade transcendental, que lhe permite carta branca para destroçar a natureza. Segundo Krenak, o século XX deixou isto muito claro, quando se criou todos os mecanismos para exterminar a nossa própria existência na Terra. A maneira em que enxergamos esses dois conceitos, tempo e civilização, sempre em avanço, faz referência a uma humanidade que, na realidade, não tem nada de tão extraordinária. Segundo Krenak, é necessário abandonar o antropocentrismo, ou seja, o pensamento de que o homem é o elemento central para o entendimento do mundo<sup>32</sup>. Essa negação da pluralidade de formas de vida, de existência e de hábitos, está intimamente ligada ao colonialismo – processo marcado pelo encontro entre os civilizadores e os capturados – em que o pensamento do colonizador Robson, branco, é dar utilidade à vida; e civilizar e domesticar os demais passa a ser um destino.

30 DEFOE, op. cit., p.178.

31 DERRIDA, 2002, p.250.

32 KRENAK, 2020.



O sobrenome Crusoe, é bom recordar, refere-se à cruz: a cruz religiosa que está na bandeira da Inglaterra desde a Idade Média. A ‘cruz vermelha’ é conhecida como “Cruz de São Jorge”, em homenagem ao santo patrono da Inglaterra desde o século XIV. A palavra Crusoe vem de *Kreutznaer*, *Kreutz* que significa cruz, em alemão; a mesma cruz que assinei na testa de Robson, na primeira *collage* (Figura 1). Em português, a sonoridade de Crusoe é mais presente, fonetizando diretamente para ‘cruz’, Robson ‘Crusoe’. E, para melhor desconstruir, talvez devêssemos ainda separar em dois: ‘cruz’, que remete automaticamente ao cristianismo – e o cristianismo na história terá quase o mesmo valor de civilização, civilizado à luz da razão –, e ‘Zoé’ (soé) que significa em grego ‘vida’, mas a vida nua como se refere Agamben<sup>33</sup>, a mera vida, como um animal, selvagem e besta. Robson conduz-se ao erro ao não se ver como parte da natureza, mas distinto dela. Na visão cristianizada, como explica Hadot em o *Véu de Isis*, a natureza reduz-se a “objeto fabricado por um artesão distinto dela e que a transcende. Obra de Deus, ela não é mais divina”<sup>34</sup>. Ou seja, é o cristianismo quem vai contribuir na dessacralização da natureza, autorizando e estimulando o homem a tornar-se senhor desta, reivindicando o direito de dominação sobre a natureza<sup>35</sup>. O abade francês Robert Lenoble explica que o cristianismo dizia que o homem “não se situa na natureza como um elemento num conjunto; não tem o seu lugar nela como as coisas têm o seu lugar; é transcendente em relação ao mundo físico; não pertence à *Natureza* mas à *graça*, que é *sobrenatural*”<sup>36</sup>. Para Sloterdijk, o ser humano pode ser definido como “a criatura que fracassou em seu ser-animal (*Tiersein*) e em seu permanecer-animal (*Tierbleiben*)”<sup>37</sup>.

33 AGAMBEN, 2002.

34 HADOT, 2006, p.108.

35 Ibid., p.107-108.

36 LENOBLE, 1969, p.186-187.

37 SLOTERDIJK, 2000, p.34.

Aristóteles concebia o homem como um ser que, além de viver, possui a qualidade de dar forma a sua vida como vida política. Para isso, ele estabeleceu uma dupla distinção de significação da vida, a saber: a vida como zoé, vista como mero fato de viver, uma vida sem consciência da vida, por assim dizer, válida para todos; e a vida enquanto *bíos*, compreendida no sentido de um modo de viver político, comunitário. Assim, Robson Crusoe, a despeito de outras interpretações, carrega em seu sobrenome, o *pater*, o nome do pai, o duplo esquivo do civilizado, da bestialidade (*bétise*); o burro ou alienado colados em ‘Crusoe’. E será exatamente sobre essa dupla persona que se dará todo o drama e duelo do naufrágio, do náufrago Robson, que regurgita entre o cristianismo e canibalismo.

Ao ponto de suspeitar que Robson seja também Sexta-Feira, e que Sexta-Feira não passa de um outro fantasmático do próprio Robson enquanto símbolo de civilização e colonização. Não há Sexta-Feira e sim besta adormecida. O tema do canibalismo foi esgotado ao limite com as Missões jesuíticas desse período, e durante três séculos, praticamente, em cujas embarcações transportavam simultaneamente as bestas escravizadas da África e os Jesuítas civilizados prontos a catequizar e domesticar o mundo. Ele é a besta e o soberano civilizado simultaneamente. Soberano e besta, dupla entidade num só corpo em alternância conforme a necessidade da vida. Creio que em outras palavras foi exatamente isso que Derrida quis dizer.

Insisto, por que Derrida não analisou a casa do Robson? Talvez inconscientemente, porque a morada de Robson, seja ela casa, castelo, concha, ou caverna, poderia revelar coisas que contradizem sua análise de estar no mundo, morar no mundo. Para Heidegger, mais pé no chão ao estar na Floresta Negra, sua filosofia ainda permanece distante das plantas e dos animais como viventes iguais ou superiores aos ditos humanos. Sua crença no evolucionismo baseava-se na linguagem para distinção e diferenciação, diferença que se traduzirá em metafísica. Se Derrida entrasse na clareira Robson veria a vida nua das cabras domesticadas, prontas para serem retalhadas e devoradas; veria o solilóquio enlouquecido de Robson com seus cães e gatos; escutaria *Pol*, seu papagaio, a gritar “Pobre Robin Crusoe, como veio parar aqui.” Todos reféns do soberano Robson. Assim como ensinou *Pol* a repetir seu nome, ensinaria a Sexta-Feira a repetir passagens da Bíblia e a repetir seu nome: Amo. Robson colocava todos dentro de seus cercados, de seu domínio, domesticava tudo que pudesse lhe escapar. “Como já contei, em meu terceiro ano na ilha pus num cercado uma jovem cabrita, que amanei, e estava na esperança de capturar também um cabrito novo, mas não consegui de maneira alguma antes que essa minha cabra envelhecesse. E nunca tive coragem de matá-la, até que ela morreu de simples velhice”<sup>38</sup>.

Isso já atesta que eu não vivia ocioso, e que não poupava esforços para produzir o que me parecesse necessário para minha subsistência e conforto; pois eu sabia que manter uma criação de animais domesticados assim à mão me garantiria um suprimento vivo de carne, leite, manteiga e queijo enquanto eu vivesse naquele lugar, mesmo que fosse por mais quarenta anos e, ainda, que mantê-los ao meu alcance dependia inteiramente de conservar minhas cercas e aperfeiçoá-las a ponto de me sentir convencido de que não cederiam, o que logrei dessa maneira com tamanha eficiência que, quando essas estacas começaram a brotar, como eu as tinha cravado no solo muito cerradas, fui obrigado a arrancar algumas.<sup>39</sup>

38 DEFOE, op. cit., p.135.

39 DEFOE, op. cit., p.142.

Talvez devêssemos, em vez de construir, morar e pensar, não pensar muito, não construir muito e não morar isoladamente, mas sim demorar-se o máximo possível. Isso se torna um desafio, quase uma impossibilidade, no ponto de chegada da caminhada civilizatória para seu extermínio. A domesticação transforma homens em ovelhas, homens em gado, bestas amarradas a seus celulares, computadores; bestas em estábulos acorrentadas, bestas na clareira dos poderosos, bestas na ilha do desespero.

A preocupação de Derrida em analisar Robson constitui-se num magnífico trabalho de centenas de páginas para desmoronar a metafísica de Heidegger a partir da questão da animalidade, da morte, do tédio e da solidão. Questionando sempre, afinal quem é a besta e quem é o soberano? Problemas esses que, para a ilha e seus habitantes visitantes canibais não tinha a menor importância, a não ser para o pensamento ocidental. Trata-se, então, de uma questão de posição, como bem propôs Derrida em *Faxitextura*, de *um topos* e *um tropos*, as quais interpreta e firma a análise, uma psicanálise. Derrida e Heidegger não estavam na ilha, não conversaram com a ilha, não a escutaram, não viveram na ilha, não estiveram lá, justo naquela ilha. Escreveram suas análises a partir de outro *topos*, e deslocaram suas interpretações (*tropos*), 'citações', a partir de relatos e ficções, muito longe da circularidade e da realidade da ilha. Assim o fez anteriormente Daniel Defoe. Suas escritas são lineares como os sulcos paralelos de uma plantação ocidental. Defoe desconheceu a natureza e sua fala porque estava contaminado pelo binômio do selvagem e do civilizado. Em seu esforço, Derrida irá tratar de desvencilhar-se desse binômio ao afirmar que a besta é o soberano e o soberano é a besta. Não há soberano sem bestas, e quiçá não haja uma besta animal lá fora realmente, exceto a besta dentro do próprio soberano, em sua solidão totalitária, pronto para brotar como *Unheimlich*.

Sim, foi preciso força para Kelkirk, assim como para a ficção Robson, portar, suportar a vida na ilha; teve que ter força, estrutura para manter-se, sustentar-se na vida e sustentar a vida. Inesperado, entretanto, é dar-se conta que é justamente a besta a que mais tem essa força para realizar o trabalho, principalmente para o mundo ocidental com a cultura e domesticação do cavalo e do boi, a força animal. Foram obrigados a bestializar-se para sobreviver.

A casa de Robson não tinha porta. Sua porta era uma escada, uma espécie de ponte, que retirava e colocava quando saía ou entrava, como se uma porta realmente houvesse, sempre fechada. Seu isolamento na casa corresponde ao medo de perder o que produziu ou capturou do navio, o medo da perda, inclusive de sua própria vida e de seus familiares (Pol, o cachorro, os gatos), está na base do cercamento. Assim como para quem não conhece a natureza, a acumulação se torna condição para períodos difíceis, principalmente em climas agressivos e contrastantes como o Europeu. Cada cultura adapta as condições de sobrevivência. Todos os civilizados têm algo de Robson. Somos Robsonianos, em termos de clareira, e em alguns pontos de produção e reprodução da civilização.

**Condominus.** A clareira Robson.

Condom, (*condón*, em espanhol): preservativo; do latim *condus* que significa receptáculo. *Com dominus*.

Um excelente artigo, de Enilton Braga da Silva e Efreu Quintana, intitulado *Esppectralidades bandidas e seus fantasmas urbanos*<sup>40</sup> correlaciona em seu conteúdo

40 QUINTANA; SILVA, 2019.

a problemática questão urbana dos atuais condomínios, com a figura arquetípica da clareira e o autoisolamento. Neste artigo, eles evidenciam estratégias de cercamentos utilizados nos atuais condomínios, muito similares aos que Robson individualmente construiu para se proteger. Introduziram também outra questão fundamental, tanto para entendermos Robson assim como entendermos o pensamento desses 'condominus', e quem são esses fantasmas e os espectros; esses novos 'canibais', zumbis que os assediam. Para isso, recorreram ao livro *Espectros de Marx* de Jacques Derrida<sup>41</sup>. Em Robson: o fantasma do canibalismo, os inimigos espanhóis e os animais selvagens; nos condomínios: os fantasmas dos assaltantes, dos sequestradores, e o isolamento do cheiro da miséria.

Esses fantasmas, espectros reais ou não, induzem as classes ricas e médias, e até médias baixas, a se protegerem nos condomínios fechados. Para isso, os condomínios adotam com recursos próprios alguns elementos arquitetônicos como gradis, muros, câmeras de segurança, cães de guarda, alarmes, segurança privada. Para essa população, o condomínio se apresenta como uma ilha, "um oásis, na distópica selvageria urbana dominada pelo estranho (*hostis*) e inimigo estranho ou estrangeiro (*hostilis*). (...) Criado na disparidade social, o fetichismo do condomínio fechado nasce também do desejo de diferenciação e segregação, onde um grupo de iguais se une e ergue barreiras, solidifica bordas e cria dispositivos para a sensação de proteção coletiva"<sup>42</sup>. É a partir dessa separação que "os espectros e os fantasmas do medo e da insegurança crescem e tomam corpo, materializam-se no espaço urbano, no mundo exterior além da muralha, retroalimentam-se. Quanto maiores as barreiras e mais segregados e pretensamente protegidos os enclaves produzidos para autoisolamento, maior a percepção dessa ameaça espectral"<sup>43</sup>.

O condomínio é essencialmente uma ilha, mas uma ilha de vários Robsons acompanhados de seus espectros. O condomínio é ilha de muitas ilhas, um arquipélago de pouca interação, repleta de Robsonianos. Em outras palavras, lotado de pessoas e famílias solitárias que se comunicam com seus pares, *paries*. Capazes de se valerem e se bastarem por si próprias, pois possuem recursos econômicos e tecnológicos para tal. Denomina-se 'condomínio Robson Crusoé' o condomínio de um só homem: *egodominus*, egodomínios.

Robson Crusoé, de Defoe, vai encarnar um dos personagens mais potentes e representativos dos séculos XVIII, XIX e XX em termos de arquitetura – e quiçá ainda mais do XXI –, pois toda arquitetura, toda casa quando se fecha é um atentado à vida, e quando sua porosidade, sua capacidade de permeabilidade da natureza dos materiais é alterada, trata-se de um atentado à entrada do outro. Torna-se inóspita, transformando-se rapidamente no que se entende ainda como civilização em uma barbárie civilizada. Nos últimos cinquenta anos, temos visto uma verdadeira migração dos hábitos de vida,

41 DERRIDA, 1994.

42 QUINTANA; SILVA, op. cit., p.104.

43 Segundo Quintana e Silva, referindo-se a Mircea Eliade, descrevem que "as primeiras defesas construídas dos lugares habitados e das cidades, como fossos, labirintos e muralhas, tinham sua função inicial como defesas mágicas, servindo mais como proteção às invasões de espectros do que contra ataques humanos. Em tempos mais avançados, como na Idade Média, era comum consagrar ritualmente os muros das cidades como uma defesa contra o Demônio, a doença, a morte. O simbolismo arcaico identificava o inimigo humano ao Demônio ou à morte, pois o resultado desses ataques, tanto demoníacos quanto militares, resultaria igualmente em ruínas, desintegração, morte (ELIADE, 1991). Diz Eliade (1991, p. 34-35): "As sociedades arcaicas e tradicionais concebem o mundo que as cerca como um microcosmo". Nos limites desse mundo fechado, começa o domínio do desconhecido, do não formado. De um lado, existe um espaço cosmicizado, uma vez que habitado e organizado. Do outro lado, fora desse espaço familiar, existe a religião desconhecida e temível dos demônios, das larvas, dos mortos, dos estranhos – ou seja, o caos, a morte, à noite." (QUINTANA; SILVA, op.cit., p.104).

do modelo tradicional do quarteirão para o modelo dos condomínios fechados, frutos da modernidade.

Os condomínios, e aqui cabe uma distinção, tal como os tipos de ilha, dividem-se basicamente em condomínios horizontais e verticais. O condomínio vertical é ainda mais seguro, porque suas torres funcionam como atalaias ou torreões medievais de um castelo. O condomínio, para Quintana e Silva, é análogo a uma clareira, física. Mas essa clareira, em termos Heideggerianos, não necessariamente implica em fechamento, cercamento ou clausura, mas apenas uma abertura de diferenciação com o que está à volta. Entretanto, todo cercamento implicará numa clareira controlada, um domínio, um 'condomínio'. Uma propriedade.

A ilha é um equivalente da clareira, assim como o oásis no deserto, e a praça dentro da selva de pedra. A ilha, para um naufrago, se constitui por sua própria natureza como um cercado de terra pela água, principalmente quando essa ilha está longe de um continente ou de um arquipélago. Tem-se, então, a ilha literalmente isolada, desolada. Mas qual é o grau de isolamento desses condomínios, não fossem seus carros, suas embarcações? A questão da hospitalidade talvez, hoje, nos mostre o quanto as cidades estão se tornando cada vez mais inóspitas, repletas de isolas e de pensamentos burgueses aristocráticos, insaciáveis pelo cercamento do mundo. Querem cercar, privatizar e administrar até praças, parques, jardins; tudo o que é público. Já não bastam as ruas e as rodovias. Nesse sentido, deve-se estar atento e remar contra a arquitetura que vem sendo praticada: fechando sobre o já fechado; corroborando com isolamento que só insufla mais violência, caindo assim num círculo vicioso de cercamentos dentro de cercamentos. A ambivalência da clareira é curiosa. Ela enquanto clareira natural pode ser tanto o lugar da liberdade, da iluminação, da meditação, como também pode ser enquanto clareira artificial, ilha artificial humana, o lugar do auto encarceramento.

O muro, o cercamento em algumas culturas sedentárias, guarda e protege a população contra os espectros, presentes desde tempos remotos, e estão relacionadas ao entre paredes. Como explicam Quintana e Silva,

o condomínio aspira gerar o que seus moradores esperam ser um *paraíso* no meio da cidade, um *jardim das delícias*. A palavra *paraíso*, do latim *paradisus*, tem sua origem no termo avéstico *pairi-daēza*, um espaço protegido por paredes. Cognato de *pairi* e do grego περί, que quer dizer ao redor, periférico, há o termo latino *paries*, significando paredes. O termo jardim, igualmente, assim como o inglês *garden*, tem a mesma essência da acepção de *paraíso*. Assim como o francês *jardin* e o alemão *garten* significam guardar, res-guardar.<sup>44</sup>

Há uma importante articulação que deve ser feita com o cercamento da casa de Robson, a clareira construída dentro da própria ilha enquanto clareira, e Sexta-Feira enquanto canibal que seria domesticado; e o porquê da nomeação de Sexta-Feira por parte de Robson.

Em *Regras para o parque humano*, Peter Sloterdijk explica que há algo de profundamente insatisfatório e pouco convincente no conceito de clareira (*Lichtung*) de Heidegger: “a história da clareira deveria revelá-la não como o lugar da escuta respeitosa, mas ser antecedida pelo lugar da disputa e pelo conflito dos que nela ocuparão as posições

de decisão”<sup>45</sup>. Sloterdijk faz uma interpretação muito clara e sucinta dessas questões para chegar ao tema que aqui nos interessa: a ilha; a clareira como núcleo mesmo da domesticação, a ideia de clareira como espaço da domesticação.

A clareira, para Heidegger, a iluminação (*Lichtung*) se apresentava como a diferença. Diferença que se abria dentro da floresta como disjunção, como espaço existencial e ôntico. Representava o nascimento da linguagem, a liberdade. Mas, por outro lado, simultaneamente pode representar o lugar vedado, isolado (*Einfriedung* ou *Umfriedung*). A ideia de clareira enquanto aparecimento da linguagem não está somente determinada por essa linguagem, mas também em simultaneidade pela casa, pelo *oikos*, a *domus*, onde previamente já se adestravam, moldavam as pessoas para viver em seu interior.

A ideia da clareira também sugere a questão acidental da diferença na desconstrução. A clareira se abre na floresta como diferenciação, a luz na escuridão na ausência da floresta. A clareira é sempre guardada e circunscrita pela floresta, cercada, protegida. A clareira é acolhida pela floresta. Mais que acolhida por sua circularidade, ela se mostra como um espaço diferenciado que é guardado e produzido pela própria floresta. A clareira, de certa forma, designa a floresta. Paradoxalmente, também pode ser vista como uma pequena penumbra, uma pequena escuridão dentro de uma claridade. A clareira é sempre a diferença dentro da regularidade, o estriado dentro do liso, o liso dentro do estriado, aquilo que pode brotar inesperadamente dentro da escuridão. Mas há que se considerar a diferença entre uma clareira Yanomani (*shabono*) e um condomínio. Como esclarece Enilton Braga ao explicar o sentido de clareira:

Heidegger denomina clareira a abertura fundamental necessária para a entrada da luz que faz o aparecer acontecer. O acontecimento. A claridade, por sua vez, repousa em uma dimensão de abertura e liberdade que, eventualmente, pode se clarear. Na claridade do aberto ocorre o jogo de tensões entre o claro e a sombra. Clareira, é a substantivação do verbo “clarear”. Em alemão, o adjetivo “claro”, *licht*, significa o mesmo que *leicht*. *Licht*, assim como no inglês *light*, pode significar tanto luz quanto leve, de leveza, livre e aberto. O termo *Lichtung* considera a floresta em um ponto aberto, livre de árvores em um determinado lugar, gerando a clareira, configurando uma abertura. A luz pode efetivamente, incidir na clareira em sua dimensão aberta, suscitando aí o jogo entre o claro e o escuro. A clareira, aberta, livre, contrasta com a floresta, cerrada, obstruída.<sup>46</sup>

Enfim, talvez o derradeiro sentido atual da clareira não esteja mais na floresta, mas no resto, na selva de pedra; ou pelo menos assim se entende a clareira moderna: a cidade como clareira onde vive o ser moderno, a gigantesca abertura sempre em processo de expansão que os homens criaram na natureza para ali viver. Uma ilha, uma gigantesca clareira que cresce incessantemente, mas com o risco imediato de um naufrágio.

A permanência humana na clareira – em termos heideggerianos –, o ficar dentro ou estar preso-dentro na clareira do ser não é de maneira alguma uma relação ontológica primitiva que não possa ser reavaliada ou revista. Para Sloterdijk existe uma “história ignorada por Heidegger” que é a “saída dos seres humanos para a clareira”, de como ele chega à clareira, ou de como ele se faz clareira. Uma “história social da tangibilidade do ser humano pela questão do ser”. Deve-se falar não só de um ser-no-

45 SLOTERDIJK, 2000, p.37.

46 SILVA, 2017, p.76. Enilton se utiliza da ideia de clareira metafórica com o conceito heideggeriano da clareira do ser (*Lichtung*) na identificação do pátio interno da casa de Elyseu Victor Mascarello, na cidade de Porto Alegre, e construída na década de 1970.

44 Ibid., p.105.

mundo *Dasein*, de um animal aberto, moldável, de um ser como clareira, mas também falar de uma “história social das domesticações, pelas quais os homens originalmente se experimentam como aqueles seres que se reúnem para corresponder ao todo”<sup>47</sup>.

Sexta-Feira foi domesticado na clareira Robson, ou assim Robson acreditou que o fez. É de se considerar, porém, que sua submissão e devoção deva-se muito mais à gratidão por Robson ter-lhe salvado sua vida de outros canibais do que propriamente o processo de domesticação a ele imputado: a aprendizagem da língua inglesa, hábitos comportamentais como as gadelhas selvagens, e até vesti-lo de mulher, como retratou L. Buñuel em seu filme. Os domesticadores sempre adoraram cortar os cabelos dos selvagens indígenas para que se assemelhassem aos civilizados.

Retomemos a questão da clareira e do lugar vedado, isolado (*Einfriedung* ou *Umfriedung*), para cogitar a nomeação de Sexta-Feira. Em Heidegger, podemos encontrar um desdobramento linguístico mais complexo da palavra *Friede* na língua alemã, que serviria de base para explicar seu clássico ensaio *Construir, Habitar e pensar*:

A palavra *Friede* (paz) significa o livre, *Freie*, *Frye*, e *fry* diz: preservado do dano e da ameaça, preservado de..., ou seja, resguardado. Libertar-se significa propriamente resguardar. Resguardar não é simplesmente não fazer nada com aquilo que se resguarda. Resguardar é, em sentido próprio, algo positivo e acontece quando deixamos alguma coisa entregue de antemão ao seu vigor de essência, quando devolvemos, de maneira própria, alguma coisa ao abrigo de sua essência, seguindo a correspondência com a palavra libertar (*freien*): libertar para a paz de um abrigo.<sup>48</sup>

Resguardar-se é também um recolher se protegendo; descansar também no sentido médico. Sugere-se, para começar, que a condição original do cercado, do protegido, do guardado seja também o ser deixado em paz, pacificado. *Freitag* em alemão é o dia livre, assim como *Friday* para os ingleses, dia de pouco trabalho. Devemos pensar que a nomeação de Sexta-Feira ao canibal por Robson não é gratuita, ainda que por um suposto dia que Robson acreditava que fosse. Talvez esteja mais entranhado numa questão linguística do que cronológica, e que o apelido de *Friday* ao indígena representasse o preconceito já de antemão aos indígenas que Robson teria vivenciado anteriormente no Brasil. Já ciente que os indígenas não gostavam de trabalhar, pois não eram acumuladores e exploradores da natureza como os europeus protestantes, que se sentem culpados de não trabalharem. Sexta-feira, para Robson, também era uma espécie de ‘dia da preguiça’, um preguiçoso, *Freitag*, *Friday* corresponderia ao dia livre em seu sentido de libertação; mas libertação de quem? De Robson, que agora estava livre de sua terrível espera por alguém que viesse lhe retirar de sua solidão, do terrível aprisionamento da espera? A chegada de Sexta-Feira, seu libertador, ainda que uma besta, mas que poderia lhe propiciar o descanso de seus tormentos da solidão. Por outro lado, ironicamente, o *Friday* (Sexta-Feira) significaria o acorrentamento definitivo da besta canibal a seu Soberano, devoto que estava agora a Robson por ter-lhe salvado a vida, tornando-se seu servo e escravo. Sexta-Feira é uma palavra muito emblemática quando aplicada a um ser humano. Ela é mais propícia à nomeação dada a um animal, jamais a uma pessoa. Certo é que ao nomeá-lo assim, Robson deixou claro que nunca viu Sexta-Feira como um ‘humano’ idêntico a ele, e sim como um animal; ainda que relativizasse sua animalidade em várias passagens, depois de

domesticado.

Retornando à ilha condomínio, um dos principais motivos de aquisição de uma casa em condomínio fechado, para Quintana e Silva, é o desejo de ‘ser deixado em paz’, não ser perturbado por pedintes, vendedores, vagabundo, reduzindo o risco de morte ao evitar o outro, e não conviver com o ‘outro’. Porém, essa negligência ao outro, à alteridade, coloca em risco a vida num todo, inclusive para os iguais. Para Derrida, a diferença, a heterogeneidade é uma condição inseparável de toda unidade e de toda identidade, de toda experiência de si mesmo ou de um “nós”. Ou seja, de tudo estar em relação ‘com’ a diferença. O condomínio fechado distorce essa lógica e adota a lógica do ‘com’ semelhantes, dos *fratello*s em que os espaços privados de moradia são isolados dos espaços públicos adjacentes.

Torna-se, no mundo de mercadorias, no mercado da construção de residências, o suprassumo do consumo do fetiche aderido à mercadoria “habitação”, impenetrável, incorruptível, sagrada e oculta. (...) Os grandes condomínios são como ilhas que interrompem a malha viária do sistema urbano adjacente. Cercados e inacessíveis, interrompem o sistema de permeabilidades.” (...) “E os que promovem e constroem esses empreendimentos são os mesmos que legislam, regulam e autorizam, protagonistas no meio político, donos dos grandes meios de comunicação.”<sup>49</sup>

Tanto a ‘clareira-cidade’ como as ‘clareiras-condominiais’ apresentam-se como o lugar da liberdade, embora por motivos distintos. Para os moradores das cidades do interior, a clareira-luz significa trabalho, saúde, educação e desejo de libertação das relações vicinais interioranas. Mas ao chegarem nela, se esquecem de que a clareira é o lugar também da captura, mesmo; e domesticação desses novos residentes. O lugar onde se estabelecem as regras para habitar o parque humano. A doma.

Restaria perguntar se essas formas de apresentação das novas clareiras são realmente clareiras em seu sentido de existência. Se essas iluminações de naturezas domesticadas, cercadas pela selva de pedra, são lugares ainda do comum, onde as pessoas fazem sua existência; e sobretudo se ainda se conectam com o ascendente, ou apenas uma montanha de gente. Se são ilhas mesmo, ou outra coisa.

O que Peter Sloterdijk<sup>50</sup> procura mostrar ao analisar *A carta sobre o humanismo*<sup>51</sup> de Heidegger e o conceito de clareira é que a ideia de clareira deve ser vista muito mais, talvez, pelo aspecto da domesticação, do lugar de como os seres exercem seu poder sobre os outros, de um cercamento, de uma esfera onde se inventam modos de vidas e modos de seres, do que o lugar do nascimento do ser enquanto linguagem, proposto por Heidegger. Para Sloterdijk, a relação entre os homens e seus animais domésticos constitui-se numa história monstruosa de coabitação entre eles que nunca foi devidamente desenvolvida, e hoje nem mesmo os filósofos saberiam encontrar a tessitura dessa história. Até porque os soberanos ‘condominus’ necessitam ainda conviver com as bestas que arrumam suas casas para que não virem pocilgas pelo relaxamento. Eles necessitam da força das bestas para arrumar seu jardim, consertar as coisas que estão estragadas; em suma, dos que fazem a manutenção. Eles necessitam de muitos e muitas Sextas-feiras para não desabarem.

47 SLOTERDIJK, op. cit., p.33.

48 HEIDEGGER, 2012a, p.129.

49 QUINTANA; SILVA, op. cit., p.108.

50 SLOTERDIJK, 2000.

51 HEIDEGGER, 2008, p.326-346.

## Pilhas de ilhas

O 'apartado' fica próximo à ilha, e similarmente significa: partido, separado, isolado, afastado, desgarrado, desterrado. Apartar-se pode também significar 'partir', ir embora, ou morrer. Do apartado ao apartamento é só um passo. A palavra 'apartamento' significa separação, ação ou efeito de separar ou isolar, não só no nível horizontal, mas também no vertical, ou seja, em todos os sentidos. Apartado tem seu sentido no isolado do mundo, assim como ocorre com a palavra 'departamento', derivada do latim *departire*, que também significa dividir, separar. Formado pelo prefixo *de* (de, a partir de), mais *partire*, 'separar em partes', de *pars*, parte, constituinte de algo. Onde resulta a concepção de 'edifício de apartamentos', como a construção dos separados, ilhados (*aedes insulaes*); onde *aedificare* significa construir, edificar, edificação, em grego significa, curiosamente, 'odiosos'.

Viver num edifício de apartamentos é viver metaforicamente numa pilha de ilhas, sem necessariamente constituir um arquipélago. Ali todos são também Robsons; pequenos Robsons empilhados, mas ainda Robsons. Como esclareceu Derrida, "não se trata de haver um único Robson ou um robinsonada em geral, mas do fato de estarmos diante de uma grande família cujos traços comuns, semelhanças, ares familiares, devemos reconhecer, sem nos apressarmos em ignorar seus diferenciais ou suas irreduzíveis singularidades"<sup>52</sup>.

As *insulae* romanas eram as moradias dos menos privilegiados, e constituíam-se em casas uma ao lado da outra em vários pavimentos, normalmente, dois a quatro em média, constituindo um quarteirão regular ortogonal, único, separado e apartado dos demais quarteirões. Na base havia sempre o comércio. Os condomínios verticais, principalmente os de classe mais baixa, embora lotados de gente, será melhor designá-los como 'insularados modernos'. Por mais que tenha muita gente e sol, sempre parecem isolados do mundo; semelhantes a pavilhões de prisão, repletos de celas (*cells*), com regrais e regulamentos próprios. Suas bases de comunicação com o resto da cidade foram propositadamente interrompidas, fechadas, gradeadas, muradas como a 'paliçada' de Robson. A cerca protege os que estão dentro e deixa desprotegido quem está do lado de fora; os que não são iguais. São muito danosos para a vida nas cidades, convertem os lugares nas cidades em ilhas, ilhas dentro de ilhas.

A porta-ponte, a escada de Robson, é emblemática. Uma vez dentro de seu refúgio, ele a recolhia para se proteger, e quando quisesse sair ele a colocava novamente. Robson transfigurou a escada em porta, sua porta-escada, simulando o arquétipo do castelo e sua ponte levadiça. Robson utiliza-se da mecânica nesta ponte levadiça como porta-ponte para materializar uma espécie de filtro físico entre a natureza selvagem, o não-domesticado, e a sua doma a partir de um *mecanismo*. Hadot explica que *méchané* é exatamente a palavra grega que designa o ardil, ou seja, uma trapaça. Explica Hadot:

A mecânica, entre os gregos, surgiu de início como uma técnica que consiste em trapacear com a natureza, notadamente em produzir movimentos aparentemente contrários à natureza, em obrigá-la a fazer aquilo que não pode fazer por si mesma, graças a instrumentos artificiais e fabricados, "máquinas": balanças, guinchos, alavancas, polias, cunhas, parafusos, rodas dentadas, que podem, por exemplo, servir para construir máquinas de guerra ou autômatos.<sup>53</sup>

52 DERRIDA, 2002, p.250.

53 HADOT, op. cit. p.116.



Figura 6 – Collage de Fernando Fuão sobre fotograma do filme Robinson Crusoe, de Luis Buñuel. 2022.

É por meio da técnica (*techné*) que o homem obtém vantagem no combate à natureza. A mecânica tem como fim "servir aos interesses práticos do homem", pois ela "é uma técnica que consiste em trapacear com a natureza, graças a instrumentos fabricados pelo homem, 'máquinas' de todo gênero que permitem produzir efeitos aparentemente contrários à natureza"<sup>54</sup>.

Nada distinto das mesmas portas dos condomínios absolutos, fechados, herméticos que para acessar, muitas vezes, se entra numa espécie de antecâmara, um entre muralhas, um compartimento, onde é necessário se identificar por porteiro eletrônico para poder ingressar. Para esses *condominus*, não há comunicação com o mundo, exceto pelas portas de controle e janelas. A comunicação que outrora era feita no modelo de quadra do século XVIII ao XX foi desfeito, e agora, não se tem mais nem o comércio em sua base ou moradias; e quando tem, dão suas costas ao mundo. O arranha-céu é arte de emp(ilhar), domesticar, isolar gente, tal qual os *cell(u)lares* sem *Deuses Lares*<sup>55</sup>.

Nesses empilhamentos, há a perda do contato com a terra, um desterramento como diria Heidegger. Os condomínios verticais são como ilhas aéreas; pequenas ilhas formando um grande torreão, conectadas por barcos chamados elevadores, pontes verticais. E seus automóveis também seguem o modelo, com 'insulfilmes'. Outrora em uma quadra tradicional, onde se poderia ter oitenta portas de casas abertas diretamente para rua, muitas aberturas ao acolhimento agora são substituídas por uma única porta que faz a interface com o mundo, promovendo um imenso cerramento para a vida pública. Ao contrário do modelo das cidades árabes, que se constituíam em um corpo único e unitário sem separação aparente, ou ainda nas favelas do Rio de Janeiro. Num condomínio vertical, a situação chega a absurdos de trezentas, quinhentas portas sendo

54 Ibid., p.124-125.

55 FUÃO, 2020.

substituídas por uma ou duas portas. A cultura da modernidade pode ser interpretada também com a era do isolamento.

O caminho de pensamento que aqui se delineou mostra, por um lado, que o modo de pensar, assim como o modo de construir, pertence ao âmbito do morar. Por outro, esse modo de morar e construir determina um modo de pensar. Nessa tríade, cada uma delas está irremediavelmente dentro da outra. Construir e pensar são cada um a seu modo indispensáveis ao morar. Todos serão, no entanto, insuficientes para o morar no mundo se cada um se mantiver isolado, em sua 'casinha', apartado e cuidando do que é seu ao invés de 'conviver' com os 'outros', com a diferença.

Mas o que acontece quando inexiste a possibilidade do conviver 'com'? Considerando que esse 'outro' já não é mais aquele outro que outrora batia na porta como no mito grego, mas sim um 'outro outro', impossibilitado de até mesmo bater na porta dos condomínios. O que acontece com os mendigos que batiam de porta em porta solicitando um prato de comida, um copo d'água, um dinheiro quando já não há portas onde bater?

Nossas cidades, nossos bairros e casas se tornaram mais hostis, odiosos. Vive-se a tirania dos muros, das grades, das senhas, das câmeras de controle, dos seguranças, das identificações, dos monitores; esses são alguns dos elementos arquitetônicos que promovem essa hostilidade, esse *apartheid* que vai do real ao virtual como demonstrou Theo Deutinger no *Handbook of tyranny*<sup>56</sup>. Os elementos arquitetônicos e suas formas dessa triste hostilidade todo mundo conhece, e os arquitetos mais ainda. Os arquitetos são educados a perpetuar desde cedo nas escolas esses modelos de isolamento, criando paredes e mais paredes, cercas e mais cercas, linhas e mais linhas, eliminando marquises e arcadas para moradores de rua não dormirem. A linha define, isola, aparta: os de um lado e os do outro lado, os de dentro e os de fora. A hospitalidade fica mais ameaçada numa cidade em que um grande número de pessoas não tem moradia ou vivem em condições extremas de miserabilidade, e todas as portas que se poderia abrir para elas estão fechadas, principalmente as portas das políticas públicas de habitação popular, e os olhos dos arquitetos. Uma cidade onde reina a individualidade só pode se tornar hostil. A hostilidade na 'clareira-cidade' cria simultaneamente homens civilizados e também os fantasmas das 'bestas humanas', e bestas humanas devem ser entendidas como todos aqueles que oferecem risco aos soberanos, ao capital e aos domesticados.

Talvez o que Heidegger não tenha percebido, ou exposto, é o fato de que quem mais deve entender o sentido da morada, do morar seja (in)justamente aqueles que estão impossibilitados dela; os naufragos da existência, os já destinados à morte antes mesmo do nascimento, os que são jogados na ilha 'desesperança' chamada de capitalismo. São os moradores de rua, os exilados: os que carregam o sentido da quadratura em suas rotas mochilas, os que ainda conseguem ver o céu a noite, os mais próximos da essência do vento, da chuva, do sol e gases dos automóveis. Os 'sem-terra', os sem casa, sem-tetos, os que andam descalços em contato com o asfalto, dormem sob os viadutos e marquises, os 'sem paredes'. Os viadutos, os 'sem domínios' – lugar atávico dos moradores de rua – estão impregnados dessas mitologias, dessas falsas crenças, desses conceitos negativos. Exatamente, desde a antiguidade, por não terem paredes, a sociedade, em geral, teme o que se encontra ou se aloja sob eles, e nem chegam perto. E infelizmente acreditamos que os seres que habitam em sua parte inferior estão em níveis inferiores em todos os sentidos da existência e dos estados da alma, tal como o personagem Sexta-Feira. Na realidade, tudo está fechado para eles. Vivem

56 DEUTINGER, 2018.

na eterna exclusão no labirinto das ruas sem poder entrar em nenhuma porta. Seu território de atuação não passa de um campo de concentração de alguns bairros mais populosos, como os centros das cidades.

Esses são os novos Sextas-feiras da vida, os que vivem sem cercas e cercadinhos. Paradoxalmente, 'cerca', também quer dizer 'próximo', ao contrário de afastado, do apartado. O cercado é o que está próximo à *domus*. Está fora mas próximo, tal qual o cercado de cabras; ou seja, está próximo e sob o domínio da casa. Estes são novos fantasmas bandidos, as novas bestas para os novos nobres soberanos Robsons. Os inaptos para o trabalho, os que comportam o perigo eminente da violência e da devoração dos restos. Também os mais propensos à captura, a serem colocados em uma cerca, uma jaula chamada cela. E, assim, passamos do nobre selvagem indígena, ao pobre selvagem. Observe-se que a ideia de pobre em Heidegger significa estar 'privado de', 'não ter acesso à', acesso à civilização, à categoria humana; em outras palavras, Heidegger não percebeu que esse acesso é também o próprio acesso à domesticação.

A questão dos apartamentos e dos condomínios deve ser reiterada constantemente. Os arquitetos e urbanistas, e todos que lidam com a cidade, devem estar atentos ao papel fundamental que a arquitetura desempenha na domesticação humana, na construção do parque humano. Não se pode desviar os olhos acreditando que qualquer processo da arquitetura, o arquitetar, é um processo inócuo. A ideia e projeto desses condomínios é um crime social para a humanidade como um todo, e os arquitetos são seus verdugos; e os condomínios crescem a cada dia mais, como árvores tenebrosas.

Para os *condominus*, os preservados, a rua só é necessária para transitar de um lugar a outro, do trabalho para casa, a rua como lugar de encontro e acontecimento para essas pessoas já não existe. Ela é, antes de tudo, a selva Hobbesiana. Para eles, o contorno da ilha não precisa de contato com vizinhança, basta o impenetrável e incomunicável muro. E se por acaso justapor-se outro condomínio nos fundos ou em suas laterais muradas, melhor. A ideia americana de diversas cidades muradas dentro da cidade hoje constitui-se na utopia contemporânea do insulamento.

### Insulamentos

O que é uma ilha senão uma montanha afogada até o pescoço.  
F.Fuão

Gilles Deleuze, em um antigo ensaio sobre a *Ilha Abandonada*<sup>57</sup>, explicava que existem dois tipos de ilhas: as 'ilhas continentais', ilhas desgarradas do continente, mas ainda próximas, separadas de um continente e já nascidas dessa desarticulação, de uma erosão, de uma fratura; e as ilhas oceânicas, chamadas por ele de 'ilhas originárias', que surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo. Algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las. Segundo Deleuze, esses dois tipos de ilhas, continentais e originárias, dão testemunho de uma oposição profunda entre duas forças da natureza: o mar e a terra. Uma nos faz lembrar que o mar está sobre a terra, aproveitando-se do menor decaimento das estruturas mais elevadas; e a outra nos lembra que a terra está ainda aí, sob o mar, e congrega suas forças para romper a superfície.

Em seu artigo, Deleuze evoca uma espécie de psicanálise da imaginação das ilhas, aos moldes de Gaston Bachelard. Para ele, sonhar ilhas é sonhar que se está isolando,

57 DELEUZE, 2004.

ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido. Sonhar ilhas é também sonhar que se parte do zero, uma possibilidade de recomeço, uma recriação. Então, separação e recriação não são excludentes; ao contrário, fazem parte do próprio processo de criação. Toda criação implica em separação; assim, sendo necessário conectar quando se está separado, e separar-se quando se quer recriar. Enfim, o mundo, a natureza, os homens: tudo está constantemente repartindo-se, isolando-se, mas, ao mesmo tempo curiosamente, querendo reunir-se em algum momento na eternidade da terra, até mesmo, digamos, em alguns lugares da cidade. Esse é o drama da alternância da vida.

Toda ilha deserta é como se fosse uma ilha do fim do mundo, um fim do mundo, um fim de mundo. Um outro mundo. Para o naufrago na ilha deserta o mundo se acaba, se acabou. Quando o civilizado está na ilha deserta, tal como Robson, pensa-se que já não é somente a ilha que se separou do continente, mas o homem que, estando sobre a ilha, encontra-se também separado do mundo<sup>58</sup>.

Como reforça Deleuze numa das mais belas passagens de seu ensaio,

os homens que vêm à ilha, ocupam-na realmente e a povoam; mas, na verdade, se estivessem suficientemente separados, se fossem suficientemente criadores, eles apenas dariam à ilha uma imagem dinâmica dela mesma, uma consciência do movimento que a produziu, de modo que, através do homem, a ilha, enfim, tomaria consciência de si como deserta e sem homens. A ilha seria tão-somente o sonho do homem, e o homem seria a pura consciência da ilha.<sup>59</sup>

Existe uma clara relação filosófica metafórica em Deleuze entre homem e ilha, que é importante aqui desdobrar. A ilha representa em si uma possibilidade do homem, já mesmo antes dele nascer. É como se “ele já existisse aí”, “um homem que precede a si mesmo”. Mas, tal como Robson, a ilha representa um homem pouco comum,

um homem absolutamente separado, absoluto, absolutamente criador, um soberano, uma ideia de homem, um protótipo de homem que seria quase um Deus, uma mulher, uma deusa, um grande amnésico, um puro artista, consciência da Terra e do Oceano, um enorme ciclone, uma bela bruxa, uma estátua da Ilha de Páscoa. Na ilha deserta, tal criatura seria a própria ilha deserta na medida em que ela se imagina e se reflete em seu movimento primeiro. Consciência da terra e do oceano, tal é a ilha deserta, pronta para recomeçar o mundo.<sup>60</sup>

Sempre pronta para refundar o mundo.

Todas as ilhas construídas pelos homens, como veremos adiante – sim, isso é possível – são atestados do afastamento do homem com a natureza. A relação entre ilha e homem deve ser arguida não somente em Deleuze, mas num todo que está na base da filosofia ocidental. Será que a psicanálise onírica Deleuziana entre sujeito e ilha corresponde a uma verdade universal? Ou somente para a filosofia ocidental? Por que a ilha é o *topos* adequado para o “eu”? O “eu”, esse “eu”, o *cogito ergo sum* que já nasce como ilha; ele é o ser isolado que funda a filosofia. Amiúde, para a filosofia

58 Ibid., p.7.

59 Ibid., p.8.

60 Ibid., p.8.



Figura 7 – Montagem de Fernando Fuão sobre fotograma da Série Perdidos no Espaço de Irwin Allen. 2022.

ocidental, o homem é uma ilha; e a filosofia se torna também uma filosofia a partir da ilha. Contrariamente a outras tantas cosmogonias e mitologias indígenas e de ilhéus, como bem demonstrou Malinowski no seu clássico livro *Argonautas do Pacífico ocidental* sobre as culturas e cosmogonias dos nativos do arquipélago da Nova Guiné<sup>61</sup>.

É irônico, à luz da atualidade ambiental, pensar que uma ilha esteja separada do mundo. Na natureza, as coisas estão atadas umas às outras; em seus limites elas não são uma coisa nem outra. Elas estão se transformando continuamente e guardando relações não só com coisas próximas em proximidades, mas reenviando incessantemente ao longínquo. As ilhas só se apresentam enquanto ilhas para os que vivem num continente europeu ou asiático, ou numa grande ilha como a Inglaterra. Ainda atesta a ilha de Páscoa. As ilhas estão, inegavelmente, atadas por outras vidas distintas (animais, plantas, mundo microrgânico, coisa não visíveis ao olho nu, “micro bióticos”) que o humano civilizado não compreende mesmo com seus microscópios. Quiçá os xamãs sem microscópios conheçam muito mais dessa realidade invisível ao olho, espectral, que lhes orienta, do que os naufragos.

É verdade, sim, que existe uma mitologia em torno das ilhas, principalmente para quem nasce e vive no continente cheio de gente; num “contingente” absurdo, como os ingleses, que de tão grande ilha acham que são um continente. Para os argonautas (*naútês*: marinheiro), por exemplo, as ilhas do Mediterrâneo eram seu continente, seu território, sua grande casa, inclusive as ilhas afastadas desacasaladas. Cada ilha tinha seus mistérios e suas entidades, como a ilha de *Lemnos*, habitada somente por mulheres, a ilha de Samotrácia, Mísia, habitada pelas ninfas, espíritos naturais femininos ligados a um local particular da natureza.

61 MALINOWSKI, 1986.



Sucedo o mesmo para os marinheiros que consideram o barco e o mar como sua outra morada. O barco torna-se seu continente, sua diminuta ilha que sai por aí a navegar; sua morada flutuante e hermética em relação a água. O barco se constitui numa metáfora de sua travessia na vida, a balsa da existência. Para os navegadores no mar, as ilhas são pontos de referência e ponto de parada, estâncias, espera, portos e porta. Toda ilha, como todo continente que faz divisa com o mar, tem uma porta, um porto; assim se espera, se espera a chegada do “outro” na linha do horizonte do mar. Elas, as “ilhas absolutas”, afastadas, *isoladas* terrivelmente isoladas, comportam o mundo em si desoladamente, para a visão dos que vivem no continente. Na realidade, talvez, dependendo da forma de ver esse mundo, e com a dimensão temporal cósmica, pode-se dizer não há ilhas, há sim desejos da terra em derivar ao mar, viver na água como barcos, tornarem-se livres; ou delas poderem respirar, de vez em quando, como baleias, de tão afogadas que estão no fundo mar.

Outro filósofo que se dedicou largamente à questão das ilhas foi Peter Sloterdijk em sua trilogia *Esferas*, em especial no tomo III: *Espumas*<sup>62</sup>. Num capítulo sob o título de *Insulamentos* (isolamentos), Sloterdijk vai apresentar dois tipos de ilhas: as “ilhas absolutas” e as “ilhas artificiais”; numa recorrência ao artigo de Deleuze sobre *As ilhas desertas e outros textos*.

Sloterdijk partirá dessa diferenciação para articular, agora com a questão arquitetônica do encapsulamento e em especial dos acondicionamentos artificiais do ar nos ambientes arquitetônicos e nos ambientes aeroespaciais. Sloterdijk, em *Esferas*, funda uma teoria das cápsulas, ilhas e estufas, a partir da questão primordial das bolhas e da esferologia. Interessa-lhe em formular uma teoria esferológica da ilha, com a qual se possa mostrar como são possíveis mundos interiores animados, e como pluralidades de mundos de tipo análogo formam um bloco na forma de arquipélagos ou rizomas do

mar; até chegar à ideia de espumas como metáfora desses coletivos individualizados humanos<sup>63</sup>.

As ilhas absolutas, para Sloterdijk, e aqui já não há nada natural, surgem pela radicalização do princípio da criação privilegiada, condicionada, domesticada. Não são meros pedaços de terra que podem ser rodeados pelo mar, pois estes só conseguem isolamento horizontal, deixando aberto a vertical. As ilhas marinhas naturais só ficam isoladas bidimensionalmente pela largura e comprimento, ainda que possuam um clima especial. As ilhas absolutas se constituem para ele como ilhas artificiais, e pressupõe o isolamento tridimensional, e nesse sentido se deslocam para o conceito de cápsula. Sem isolamento vertical não há enclausuramento absoluto, preservação absoluta, *condom*.

Para ser absoluta, uma ilha criada tecnicamente também tem que prescindir da premissa de fixação a um lugar e tornar-se também uma ilha móvel. O submarino *Náutilus* do capitão Nemo (Júlio Verne) encarnaria, para Sloterdijk, tecnicamente essa ideia de insularidade absoluta, um protótipo do mundo de extrema clausura e introversão. “O submarino, com liberdade de movimentos, representa uma prótese insular completa, que explicita e reconstrói as características fundamentais do ser insular em seus aspectos essenciais”<sup>64</sup>. No entanto, os submarinos, ressalva Sloterdijk, como próteses insulares marítimas, ainda seguem o parentesco com as ilhas naturais. O isolamento absoluto só é alcançado quando se troca também o elemento do entorno, a água pelo ar, como é o caso das aeronaves, especialmente aquelas que operam em altitudes elevadas, que devem tecnicamente permitir condições de ar respirável em seu interior; e mais drasticamente das estações espaciais e os satélites que se aventuram no vazio. Ao propor as espaçonaves e cápsulas espaciais como ilhas, reforça a ideia de que “as ilhas absolutas” não têm relação com litoral algum, mas paredes externas por todos os lados que a isolam de qualquer elemento como a água ou o vácuo. Exige-se delas um perfeito hermetismo<sup>65</sup>.

Ao estabelecer a diferenciação entre esses tipos de ilhas, Sloterdijk vai explicar que na “ilha absoluta” o mar é eliminado como elemento-ambiente e substituído pelo vazio; enquanto nas “ilhas antropogênicas” são os fatores humanos que devem ser considerados como variáveis, e onde o fator atmosférico foi totalmente reformado. “Nessas configurações, trata-se de entender como os seres humanos se tornam ilhéus: o que significa a mesma coisa, como os seres vivos que habitam as ilhas tornam-se seres humanos graças ao efeito inigualável de seu isolamento”<sup>66</sup>.

As “ilhas antropogênicas”, atmosféricas, se constituem como uma espécie de incubadoras de seres humanos, sejam elas estufas para plantas ou animais, ou qualquer coisa orgânica. São unidades do tipo insular, onde principalmente os seres humanos ali gerados amadurecem e progridem em sua capacidade de pensar, ora por inclusão de grupos ou por autorreclusão; mas sempre se distanciando, sendo afastados, e isolado dos demais. São o local propício também para os experimentos da ciência. Não precisamos exercitar a imaginação, basta pensar nas incubadoras humanas de recém-nascidos, aguardando o passar do tempo para sair dali já formados em sua complexão. O mesmo pode-se pensar nas grandes estufas para galinhas, ovos, pintos, que são manipuladas, domesticadas industrialmente suas vidas desde o processo de chocar os ovos artificialmente até seu abate. Nossas vidas já estão todas pautadas, vivenciadas cada dia mais nessas ilhas absolutas e “biogênicas”,

63 Ibid., p.237.

64 Ibid., p.245.

65 Ibid., p.245.

66 Ibid., p.245.

62 SLOTERDIJK, 2009.

antropogênicas. Nossa alimentação cada dia mais é fruto dessas ilhas “zoegênicas”.

A ideia da casa como uma ilha antropogênica, segundo Sloterdijk, faz todo sentido. A associação entre as ideias de casa e ilha é sustentada, como apontamos anteriormente, pela história das palavras: desde o século II, a *insula* latina já designava esse trabalho de domesticação, ao mesmo tempo, junto com seu significado fundamental, o cortiço, com vários andares e isolado, que na maioria das vezes que era habitado pelos mais pobres. Entretanto, segundo Sloterdijk, as primeiras grandes estufas aconteceriam somente no século XIX, com a fundição do ferro e o vidro, com a exemplar construção do *Palácio de Cristal* de 1851 de Paxton, uma gigantesca estufa. Passaria na segunda metade do século XX na proposta utópica com Buckminster Fuller e sua *Geodésica*, e chegaria hoje na *Biosfera 2*. Em setembro de 1991, nasceu a Biosfera 2: uma estrutura totalmente autossuficiente, capaz de gerar o próprio oxigênio e produzir a própria comida. Oito pessoas foram enviadas para morar lá dentro, mas tudo deu errado<sup>67</sup>.

Pegando carona, clandestinamente, na proposta de Sloterdijk das “ilhas absolutas”, como espaços herméticos, aproveito para relacionar mais uma vez com Robson; mas não o Robson Crusoé de Defoe, ou o marujo Selkirk; mas sim agora com a *Família Robson* de *Perdidos no espaço*, série para Tv nos anos 60-70, criada por Irwin Allen. A família Robson era o estereótipo da família domesticada burguesa, civilizada e colonizadora, semelhante à figura de Robson Crusoé. Em *Perdidos no espaço* já não é o solitário colonizador, mas sim toda uma família, inclusive até os filhos e os pets de estimação que vão naufragar em diversas ilhas no espaço.

*Perdidos no espaço* também foi influenciado por outro romance de aventura, também baseado em *Robson Crusoé*, que é *The swiss family Robinson* de Johann David Wyss, publicado pela primeira vez na Suíça em 1812, cem anos depois. Um conto clássico da família burguesa naufragada também no fetiche da ilha deserta, que faz de tudo para manter-se unida, frente a todas as dificuldades encontradas. Sobretudo tentando adaptar-se à natureza selvagem da ilha.

A família Robson de perdidos no espaço (prof. John Robinson e sua esposa Maureen, seus filhos Judy, Penny e Will, e o Major Don West) não é na realidade uma família naufraga, mas sim uma família à deriva no espaço, aterrissando ao acaso em muitas ilhas. O ano é 1997, e a Terra está sofrendo com uma superpopulação. A família Robson é enviada a uma missão de cinco anos no espaço para encontrar um novo planeta para colonizar, em Alpha Centauri, mas a viagem é sabotada por um agente de um governo inimigo, o Dr. Zachary Smith.

A espaçonave Júpiter 2 é uma espécie, tal como definiu Sloterdijk, uma ilha absoluta, à deriva no espaço; perdida por conta de um tipo de buraco negro que os levou para um local muito distante de Alpha Centauri. A ilha absoluta é uma ilha móvel, familiar ao barco, ao submarino ou ao iceberg. Para a família Robson, sua desesperança é o

<sup>67</sup> Biosfera 2 é um enorme complexo de estufas, de pé até hoje, com 200 mil metros cúbicos de espaço dividido entre uma floresta tropical, um mini oceano com recifes de corais, uma região pantanosa, uma savana, um deserto, áreas para agricultura e alojamentos. Tudo hermeticamente selado do ambiente externo. O objetivo era replicar a autossuficiência da biosfera terrestre para então, num segundo momento, reconstruí-la em outros planetas. Uma espécie de colônia espacial, só que em pleno deserto do Arizona. A Biosfera tinha plantações de banana, mamão, batata-doce, amendoim, arroz, trigo e outros alimentos, tudo minuciosamente calculado para fornecer 83% da alimentação dos oito moradores. Para completar o que faltava, havia galinhas, galos, cabras, porcos machos e fêmeas e um lago com tilápias. Mas, logo de cara, os humanos começaram a passar fome. Exames de sangue mostraram que se adaptaram e passaram a extrair mais energia dos alimentos – mas não o suficiente. Os moradores reclamavam de fome o tempo todo, e emagreciam rapidamente. Leia mais em: <https://super.abril.com.br/ciencia/biosfera-2-o-planeta-que-deu-errado/>

espaço. Eles não podem permanecer num desses planetas, a maioria hostil com sua natureza e seus alienígenas. A velha hostilidade já relatada pelo cristão e explorador Robson Crusoé com relação à natureza. Sua missão é chegar a Alpha Centauri para lá poderem colonizar e explorar. A família Robson é uma espécie de argonautas burgueses previamente selecionados dos demais humanos para sobreviver no futuro. Obviamente, na série e nas sucessivas refilmagens, são todos norte-americanos. Curioso que Irwin Allen se baseia no mito dos argonautas. Os argonautas também passaram por uma seleção, segundo a mitologia grega, processo esse que chegará até os dias de hoje nos condomínios de alta classe, que estabelecem um processo de seleção de seus futuros moradores. Há um fundo religioso e cristão no naufrágio tanto do homem como da civilização. Quando se escava, percebe-se a questão da religião cristã e sua escatologia infiltrando na imaginação da ciência, na ficção científica.

Voltemos no tempo, ao mito da Arca de Noé. A humanidade toda, inclusive os animais e plantas foram condenados pelo Soberano Deus judaico-cristão a morrerem afogadas. A Arca de Noé era também uma espécie de ilha absoluta, impermeável como um preservativo, que fica flutuando no mar sobre o número cabalístico de quarenta dias e noites chovendo sem parar. Noé e sua família foram selecionados para sobreviverem pelo Soberano; a família Robson, pela ciência. Tanto num tempo como no outro, o projeto humano deu errado, mas a arca foi parar numa montanha afogada até o pescoço, o monte Ararat, a ilha, e sua mitologia de criação e recriação. Tanto na Família Robson de *Perdidos no espaço* como na família Noé, não são eles que naufragam, mas a humanidade.

A primitiva arca de Noé, feita de madeira de 150 metros, vai ser transfigurada, nos anos 60 e 70, em um disco voador. Sinônimo de nave espacial, a Júpiter 2 da série de TV era um bom exemplo de layout liso e limpo da NASA; e Alpha Centauri, uma espécie de novo Eldorado, o mito que justificaria a exploração das Américas pelos europeus no século XVI. Perdidos no espaço não deixa de ser uma espécie de atrativo aventureiro, cujo alvo é a constelação de Alpha Centauri, para justificar o fluxo predatório terrestre e acabar com o ainda existente. Constitui-se numa utopia tangível para todos os robinsonianos, assim como é hoje a colonização de Marte para os interplanetários Robsonianos e os noético capitalistas de Elon Musk<sup>68</sup>.

Dois mitos exploratórios e colonizadores que andam juntos, Eldorado e Alpha Centauri, agora metáfora de qualquer lugar fora da terra. O mito Robson Crusoé transcorre ao longo da história ocidental, faz parte de todo o processo civilizatório ao superar seu afastamento da civilização. Um mito emblemático da vitória da domesticação e do capitalismo sobre as forças da natureza. Um mito explorador sobre os povos originários da América do sul, representado na patética figura submissa de Sexta-Feira que o acompanhará servilmente para o resto de sua vida. Todo ao contrário, ao *filósofo autodidata*.

Alpha Centauri, ao contrário do Eldorado, é um rastro do naufrágio terrestre que foi alimentado pela Tv nos anos 60-70. Onde o planeta Terra assume o papel de um Titanic empilhado de gente, uma ilha esgotada de tanta gente. Tudo vai afundar, e não há salva-vidas para todos, somente para a primeira classe. Não só os países insulares estão afundando pelo desequilíbrio ambiental, mas também a “Terra ilha”. Aos capitalistas depredadores só lhe resta abandonar o navio como ratos. Em *Perdidos*

<sup>68</sup> A série original tem clara inspiração na novela Família Robinson Suíça (Johann David Wyss, 1812) que, por sua vez, tem influência óbvia de Robinson Crusoé (Daniel Defoe, 1719). Com o advento da era espacial, a histórias de naufrágos em ilhas desertas e distantes tomaram cores de planetas em sistema estelares longínquos. Os perigos e necessidades que uma família enfrenta num ambiente hostil para sobreviver ganha dimensões planetárias. Essa fórmula de sucesso rendeu sempre boas histórias.

no espaço, agora, na série da Netflix, somente sobreviverão os “humanos” escolhidos pelo critério de seleção genética, comportamental, e outros critérios por eles mesmos adotados. Tudo menos indígenas e moradores de rua se verá nessa seleção fascista e eugênica de *Perdidos no espaço*, tanto na versão Irwin Allen como Netflix.

A Júpiter 2 contém toda a tecnologia para sobreviver. Dentro dela, seu diminuto espaço comporta coisas inimagináveis, nunca faltando alimentos. Se deixarmos de conceber *Perdidos no espaço* como uma ficção, passaremos a entender como uma metáfora subjetiva cujo único objetivo é inocular imaginação “contra alteridade”, contra o “outro”, o diferente, o alienígena. Tema esse que será tão caro para a nossa cultura do século XX através dos *aliens* (estrangeiros); e dos zumbis como metáforas do comunismo, como novos canibais. *Perdidos no espaço* é ainda pouco estudado desde a ótica do imaginário político, mas se analisarmos detidamente vamos perceber que se trata de um modelo de construir e pensar a negação da alteridade, a negação da vida na terra, uma visão suprematista que está pouco se lixando para o que estamos fazendo com a natureza, como se a natureza humana fosse em sua essência predatória. E, uma vez depredada, explorada, sugada até os ossos da Terra, é hora de partir para uma nova aventura colonizadora em outro planeta próximo. A *Júpiter* ficção não precisa ir a espaço nenhum para colonizar. Sua única e verdadeira missão é inocular, colonizar subliminarmente estranhas teorias nos adolescentes para seguirem explorando o planeta Terra, até sua consumação.

Ainda há muitos Robson por vir; antes do naufrágio final, o *navio dos tolos*<sup>69</sup> assim se referiu Ted Kaczynski, o mito civilizatório de Robson Crusoe não cessará; como também não o espectro do canibal para justificar a civilização e sua arquitetura. Outros livros e filmes seguiram-se na trilha da família Robson, releituras literárias de Robson como a de Michel Tounier, *Viernes o los limbos del Pacífico*, um Robson que se viu naufrago numa ilha do Pacífico, batizando-a de “ilha Desolação”; *A ilha* (1962) de Aldous Huxley, um romance que se passa numa ilha, Pala, onde as pessoas vivem em comum e num processo auto gestor onde tudo dá certo. Huxley descreve a ilha através de diálogos entre um naufrago inglês, Will Fanarby, que foi parar na ilha ao acaso, e moradores do lugar, geralmente pessoas intelectuais ligadas aos setores da ilha que o autor queria mostrar. Não importa a releitura que apareça, importa mesmo é a saga robsoniana, a soberana besta sobre as bestas, e a soberania da ilha.

Um dos filmes que dão sequência ao mito Robson é *Náufrago* (2000. EUA), dirigido por Robert Zemeckis e estrelado por Tom Hanks no papel de Chuck Noland, um inspetor da Federal Express (Fedex) encarregado de enviar cargas e correspondências pelo mundo afora. Porém, em uma de suas costumeiras viagens ocorre um acidente com o avião (ilha absoluta, soberana) que transporta as cargas, e cai em pleno oceano; e só sobrevive Chuck, que vai parar na “Nova Desesperança” por quatro anos.

Assim como Robson, Chuck Noland não vai naufragar sozinho. A tecnologia lhe acompanharia em seu naufrágio, chegando à beira da praia nos pacotes da Fedex, assim como alguns destroços do avião que lhe permitiriam sobreviver. Um par de patins, fitas VHS e outros objetos, como parte de um banheiro de *fiberglass*, que lhe permitia montar uma pequena balsa para escapar da ilha. A chegada de Sexta-Feira, o hóspede “indesejado desejado”, chega transfigurado numa bola de basquete da marca Wilson, à qual Chuck lhe dará o nome de “Wilson”. Nessa nova releitura de Robson Crusoe não há Sexta-Feira, e o canibal é astutamente objetivado, tornado um objeto, uma mera bola de basquete que desempenhará uma espécie de amigo mais fiel que Sexta-

69 Refiro-me ao extraordinário conto *Navio de tolos* de Ted Kaczynski, originalmente publicado na revista *OFF!* em 1999. Em: <https://oabutre.noblogs.org/navio-dos-tolos-uma-parabola-de-ted-kaczynski/>

Feira. Talvez essa seja a versão mais abominável capitalista de Robson, que consegue sobreviver e entregar um pacote ainda fechado da Fedex, quatro anos depois, a seu destinatário. Todos os Robsons querem voltar a suas ilhas, seus úteros maternos, sua zona de conforto, sua origem; ou se propõem em sua meta de continuar o processo “civilizador”, sua jornada domesticadora agora em qualquer lugar (*anywhere*).

## Cap-insulamentos

*A cápsula é um enlatado.*

F. Fuão

Peter Sloterdijk em *Espumas* não tratou extensivamente o tema das cápsulas como decorrência das ilhas absolutas e das estufas (redomas), mas tomaria o *Nautilus* de Júlio Verne como uma referência capsular. Podemos encontrar a ideia de cápsulas ao longo da história, assim como das estufas, mas será após a Segunda Guerra Mundial que a teoria das cápsulas terá sua expressão. A partir do conceito de insulamentos podemos naturalmente saltar para os encapsulamentos e insuflamentos, guardando ainda a *isola* como fundamento. Robson é um personagem insular; e o novos Robsons, capsulares.

Lieven De Cauter explica que

A palavra cápsula vem do latim *capsa*, que significa caixa ou recipiente, e *capsa* é derivada de *capere*, que significa agarrar, segurar ou, em outras palavras, manter em *cativeiro*. Em um sentido geral, uma cápsula é um suporte, um recipiente. Num sentido mais específico (com a cápsula espacial como paradigma), uma cápsula pode ser definida como uma ferramenta ou uma extensão do corpo que, tornando-se um ambiente artificial, fecha o ambiente externo, hostil. É um meio que se tornou um envelope.<sup>70</sup>

A cápsula também se encontra, dentro do organicismo arquitetônico, na expressão das células (*cells*), que em inglês pode designar tanto a célula quanto a cela prisão ou uma habitação num claustro, um habitáculo. A palavra célula foi curiosamente tomada das celas dos mosteiros, dispostas ao redor da clareira do claustro, pelo médico britânico Robert Hooke (1665) que introduziu a palavra *cell* em sua *Micrographia* para descrever o conceito biológico da célula e do arranjo denso de cavidades discretas em um pedaço de rolha vista ao microscópio.

Por outro lado – e não menos importante pois vai apontar a uma soberania –, o prefixo *cap* quer dizer chefe, cabeça, e também cabo no sentido de acidente geográfico, assim como cabo de exército, além de letras capitulares, *caput*, não esquecendo que também quer dizer “em direção de”, “rumo à”. Em outros termos, uma célula, uma cela que se desloca. Cap-insular, Cap-su-lar. Também pode ser o lugar dos chefes, dos soberanos da casa, a *capsa*, o lar do soberano solitário e suas as bestas. A diferença entre a *isola* e a cápsula não será somente a mobilidade.

70 DE CAUTER, 2004, p.77.

De Cauter, já em 1998, expressava seu sentimento sobre os encapsulamentos,

“algum dia, um historiador em um futuro distante discutirá nossa época como uma das mais obscenas na história mundial: a civilização capsular. Por quê? Porque o nível de tecnologia e produção se destaca mais do que nunca contra a exclusão sistemática e intransigente de uma parte importante, e ainda crescente, da humanidade. ‘Não sabíamos’, diremos ao historiador do futuro, ele nos condene”.<sup>71</sup>

Pode-se chamar hoje nossa civilização de “civilização capsular”, ou civilização “embalada”. Tudo vem encapsulado: o enlatado, o tetrapak, as embalagens à vácuo; condomizados individualmente e em série. De um modo geral, tudo está embalado; inclusive o sexo<sup>72</sup>. Os adeptos dos insulamentos, os Robsonianos da atualidade, querem nos fazer crer que as cápsulas são tão antigas como o homem. E para isso tomam o tema do útero para justificar a cápsula, a estufa<sup>73</sup>. Também não é de se estranhar que a teoria das cápsulas tenha surgido no Japão: uma ilha. Não que o pensamento capsular decorra de um “ser e estar” na ilha necessariamente, mas deve-se, certamente, muito mais ao processo de domínio norte-americano sobre o Japão após a Segunda Guerra Mundial, quando a ilha se tornou colônia e posto avançado estadunidense no oriente.

Ainda segundo Lieven De Cauter,

A cápsula é um dispositivo que cria um ambiente artificial que minimiza a comunicação com o exterior ao formar seu próprio espaço-tempo local, um ambiente artificial fechado. Todos os meios de transporte, a partir de uma determinada velocidade – e aqui está a origem da metáfora –, tornam-se cápsulas: o trem, o automóvel, o avião e, obviamente, a cápsula espacial. Estas são cápsulas reais.<sup>74</sup>

A individualização, o encapsulamento, é um projeto do capitalismo cujo objetivo é tão somente o consumo e auto consumação. Essa transformação e aniquilamento já data desde o início do século XX com a modernidade, porém é com a supremacia da cultura norte-americana que vai explodir a partir do pós-guerra. A crítica derradeira à massificação da primeira era da máquina na arquitetura vem com as teorias e proposições da mobilidade dos anos 1960 de Peter e Alison Smithson, Yona Friedman, os grupos GEAM e GEAP, Frei Otto, os postulados fulminantes da Internacional Situacionista, as invenções de Buckminster Fuller e, principalmente, as teorias premonitórias de Marshall McLuhan e as aportações fundamentais dos Metabolistas, que aqui destacarei para entendermos política e historicamente a questão dos insulamentos, do fim da família,

<sup>71</sup> Ibid., p.49.

<sup>72</sup> FUÃO, 2015a.

<sup>73</sup> “O fato de os humanos terem que se esconder em roupas, arquitetura, assentamentos, fortalezas e cidades é, em certo sentido, óbvio e trans histórico, mas pode ser reforçado por outras tendências. Pode-se dizer que todas as civilizações foram “capsulares”, então qual é o ponto? O que quero dizer é que faz sentido falar de uma civilização capsular uma vez que um certo limite foi ultrapassado. A lógica capsular trans histórica que emerge do conhecimento de que a cultura e todas as coisas culturais são capsulares (no sentido amplo da palavra) pode ser chamada de capsularização de primeiro grau ou lógica antropológica da capsularização. Isso não contradiz minha hipótese de que estamos testemunhando o surgimento de uma civilização capsular. Pelo contrário: pode ser que, justamente por apelar para uma lógica antropológica, profundamente enraizada na cultura humana, a capsularização de alta intensidade (ou capsularização de segundo e até terceiro grau), combinada com outros mecanismos, possa ser reforçada. Nesse caso, tornamo-nos – mais do que nunca e mais do que deveríamos – prisioneiros voluntários da arquitetura” (DE CAUTER, op. cit.; p.77-78).

<sup>74</sup> Ibid., p.45.

a propagandística da individualização e do encapsulamento da vida e a teoria das cápsulas.

A mobilidade e individualização caminham juntas. Para Yona Friedman<sup>75</sup> em *Arquitetura movil*, a mobilidade estaria sujeita à condição prévia do abrigo individual, que deveria tocar uma superfície mínima no solo e ser desmontável e deslocável. Nesse período também havia uma crença de que a arquitetura e o urbanismo chegariam a uma revolução através da climatização das cidades, através das geodésicas de Buckminster Fuller<sup>76</sup>. Após a Segunda Guerra, a arquitetura japonesa ganhou destaque através dos Metabolistas japoneses, grupo criado em 1960, mesmo ano em que se criou o grupo Archigram. Os Metabolistas pretendiam expressar, com este nome, a visão de uma sociedade em contínuo desenvolvimento e mutação, propondo estruturas tão livres que podiam adaptar-se a qualquer avanço tecnológico; e a casa deveria ser uma unidade reduzida, uma cápsula, como um carro, que se podia trocar, carregar ou colocar em qualquer lugar, acoplar como *clusters*.

O indivíduo e sua cápsula, sua *ca(p)sa*. A cápsula “expressa a individualidade de um indivíduo – seu desafio a uma organização e sua revolta contra a unificação”<sup>77</sup>. Essa afirmação de Kisho Kurokawa em sua *Declaração da cápsula*<sup>78</sup> de 1969 que deve ser interpretada dentro do contexto dos anos 1960/70, principalmente dentro de uma cultura de massas, a massificação do ser humano e sua busca de individualização e identidade. Kurokawa via no capsular a possibilidade da individualização e a saída à massificação humana, sobretudo a formação de uma nova sociedade mais dinâmica e flexível socialmente, onde as individualidades as células se agregariam livremente conforme seus modos de vida; e onde os lugares públicos de encontro, como a praça,

<sup>75</sup> FRIEDMAN, 1978. p. 80. Sobre esse tema da mobilidade veja-se também a *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes* de Michel RAGON. 1986.

<sup>76</sup> Ressalta, Yona Friedman (op. cit., p.145), “a função primordial da arquitetura sempre consistiu na proteção climática, mas se consegue a climatização total das cidades, a proteção climática passaria a ocupar o lugar secundário. Em troca, outras funções que atualmente se consideram secundárias, como isolamento sonoro e óptico, ganhariam importância”.

<sup>77</sup> Kurokawa, 1977, p.79.

<sup>78</sup> A declaração de cápsula apareceu pela primeira vez como um artigo na revista *Space Design*, em março de 1969. O conceito de cápsula surgiu a partir de estudos iniciados em 1959, utilizando as palavras “espaço unitário” e “célula”. Neste artigo, Kurokawa assumiu uma posição radical: dividir a arquitetura em unidades para indivíduos e então procurar estabelecer uma nova ordem. Esta tese relacionava-se também com a procura de uma nova imagem do homem e de uma nova comunidade em meio ao fluxo da sociedade contemporânea, que são pontos centrais para seu livro *Homo Movens*, publicado em setembro do mesmo ano, e tendo também por base as teses de Marshall McLuhan. “A cápsula é arquitetura *cyborg*. Homem, máquina e espaço constroem um novo corpo orgânico que transcende o confronto. Como um ser humano equipado com um órgão interno feito pelo homem torna-se uma nova espécie que não é nem máquina nem humano, então a cápsula transcende o homem e o equipamento. A arquitetura, a partir de agora, assumirá cada vez mais o caráter de equipamento. Este novo dispositivo elaborado não é uma ‘instalação’, como uma ferramenta, mas é uma parte a ser integrada a um padrão de vida e tem, em si, um objetivo a existência. A palavra ‘cápsula’ geralmente evoca uma cápsula contendo medicamento, ou os aposentos de um astronauta. A cápsula aqui referida é uma cápsula sem a qual o que está nela contido seria perfeitamente sem significado. Por exemplo, uma nave espacial é uma cápsula. A cápsula que protege o astronauta do espaço ou de temperaturas muito altas ou outros perigos difere essencialmente de recipientes como xícaras de café, pois cria um ambiente peculiar a si mesmo. Uma ruptura na cápsula, ainda que pequena, perturbaria instantaneamente o equilíbrio interno e destruiria o ambiente estritamente controlado nele. Dispositivo e vida dependem uns dos outros para sua existência e sobrevivência.” (...) “Uma habitação cápsula pode ser vista como uma forma expandida de uma casa. Por exemplo, um carro pode ser considerado um quarto. Pessoas que passam grande parte do tempo fora de casa ‘vivem’ em seus carros por uma parte considerável de seu tempo. Em reconhecimento a esse fato, a indústria automobilística tornou luxuosos os interiores dos automóveis, com aparelhos de som, assentos reclináveis e ar-condicionado, tornando o carro uma sala compacta. O automóvel já não é apenas um meio de transporte, o seu espaço interior começa a ganhar significado arquitetônico. Passamos um número cada vez maior de horas dentro dos carros e nosso desejo de aproveitar nosso tempo ali estimula a tendência dos carros se tornarem extensões das residências” (Ibid., p.75).



os terminais, o comércio dariam lugar para novas formas públicas espaciais mediante as tecnologias de comunicação. Importante lembrar que nos anos 1960/70, em pleno movimento da contracultura, a família não era algo a ser preservado; ao contrário, para os jovens, ela era a causa de quase todos os males junto com a propriedade privada e o Estado. Decorrem daí as propostas vanguardistas arquitetônicas desse período com programas que privilegiavam o indivíduo e a individualização do ser humano. O coletivo se formaria pelas livres associações dos indivíduos. Hoje, passados 60 anos, podemos constatar que o Estado, por um lado, acabou se apropriando cada vez mais da família unicelular ao ponto de enfraquecê-la e dissolvê-la. Por outro, descobriu-se que o fim da família estimulava ainda mais o consumo, somada às políticas de desvalorização da propriedade privada, a efemeridade das coisas (Lipovetsky<sup>79</sup>), a sociedade líquida (Bauman<sup>80</sup>), a estética da desapareição (Virilio<sup>81</sup>). Nesse processo, o Estado deixou de ser um disciplinador para se tornar um controlador impondo a sociedade de controle (Deleuze<sup>82</sup>).

Segundo Lieven De Cauter, a cápsula é, em essência, “um ambiente controlado. Assim, a cápsula é a configuração espacial ideal para uma sociedade de controle. Quanto mais controle é externalizado, maior é o encapsulamento de nosso ambiente. Esta poderia muito bem ser a oitava lei da capsularização”<sup>83</sup>. Deleuze, Foucault e Chul-Han foram perspicazes ao observar que na domesticação, o controle fica facilitado quando se tem indivíduos isolados; mais que uma família, ainda que mononuclear. A família nuclear já é uma instituição capsular. O mais curioso é que, como disse anteriormente, o fim da família coincidirá com a reativação do discurso da desfamiliarização – familiarização como conduta estética e ética, como uma forma de ver e analisar os espaços, a

79 LIPOVETSKY, 2013.

80 BAUMAN, 2004.

81 VIRILIO, 1988.

82 DELEUZE, 1994.

83 DE CAUTER, op. cit.; p.86.

arquitetura, a cidade e o mundo<sup>84</sup>.

Kurokawa acreditava que a sociedade deveria ser diversificada, constituída de espaços individuais mutuamente independentes, determinadas pelo livre arbítrio dos indivíduos e alicerçada na filosofia de Theilard de Chardan. A cápsula estava planejada para uma ação e movimento perfeitamente livres.

A cápsula era a matriz do homem. Para Kurokawa, “uma cápsula é uma ferramenta, ou extensão do corpo, transformando-se em um ambiente artificial” É este o ponto de partida da *Declaração da cápsula*.

De Cauter explica que o ponto de partida do ensaio de Kurokawa é baseado nos carros como paradigma, os considerando as “ferramentas que se tornavam extensões da casa”. Os seres humanos, “necessitados de ambientes artificiais, estão encerrados em suas extensões (roupas, edificações e até linguagem). A cultura pode ser chamada de cápsula do homem, e a cápsula (definida como uma extensão do homem ou uma ferramenta que evoluiu para um ambiente artificial de contenção) a matriz do homem”<sup>85</sup>. Ou seja, boa parte de sua declaração se fundamentava na cultura estadunidense e a moda da

84 Segundo Kurokawa (op. cit., p.79-80), a cápsula “destina-se a instituir um sistema familiar inteiramente novo centrado nos indivíduos. A unidade habitacional baseada no casal se desintegrará, e as relações familiares entre casal, pais e filhos se expressarão em termos do estado de encaixe de muitas cápsulas de espaços individuais. Se quisermos procurar um espaço onde o espírito criativo dos indivíduos tenha liberdade de ação, teremos que reconsiderar a natureza de nossa habitação. No Japão pré-guerra, onde havia um sistema de família extensa baseado no patriarcado, o espaço mais importante de uma casa era o espaço onde o *paterfamilias* recebia os hóspedes”. (...) “Indivíduos, tanto homens quanto mulheres, têm suas próprias cápsulas quando são solteiros. Quando um homem e uma mulher se casam, eles mobiliam seus respectivos espaços para formar um espaço necessário para eles mesmos como indivíduos – o espaço vital para o casal não será fornecido primeiro e os quartos adicionados posteriormente para os indivíduos ao seu redor”. (...) “O verdadeiro lar dos habitantes da cápsula, onde se sentem pertencentes e onde satisfazem as suas necessidades espirituais interiores, será a metrópole. Se o resultado do encaixe das cápsulas é chamado de família, então o encaixe das cápsulas e o espaço comunal formam o espaço social. A praça como espaço religioso, símbolo de autoridade ou cenário de transações comerciais se desintegra, e o espaço público com o qual os indivíduos se identificam fará da metrópole o novo refúgio quase doméstico”. A proposta de Kurokawa lembra a proposta de demolição da família lavrada por Le Corbusier ao condenar as casas antigas e os Deuses Lares. Ainda se pergunta Kurokawa (1977, P.80), “pois, se as pessoas adquirirem tais espaços cápsula e começarem a se mover mais livremente, elas ainda não precisarão de um refúgio espiritual? Caso contrário, pode-se supor que a frustração pode levá-los à loucura. O conceito de um ‘lar ancestral’ não morrerá totalmente em tal época? Pois, a ideia da casa da família ainda é forte para muitos japoneses em áreas urbanas”. (...) “A mentalidade da cápsula se opõe à uniformidade e ao pensamento sistemático. A era do pensamento sistemático acabou. O pensamento se desintegra, é dissolvido em palavras separadas e poderosas e é encapsulado. Uma única palavra, ou um único nome, pode se espalhar, transformar, permear, estimular toda uma sociedade e ajudar a moldar o pensamento de uma época. Um edifício é dissolvido em partes e é encapsulado como unidades funcionais.” (Ibid., p.84) (...) “A escola clássica de arquitetura e urbanismo via o trabalho do arquiteto como negentrópico, contrário ao aumento da entropia. O trabalho foi definido como ‘dar ordem geométrica a um estado de desordem’. Mas o metabolismo, como o definimos, às vezes aponta na direção oposta. O metabolismo das cidades e da arquitetura é definido como um mecanismo de controle, ou seja, uma mudança para um estado mais complicado, dinâmico e incerto de um estado de ordem clássica fixa, ou uma mudança para um estado mais simples e certo de um estado de desordem”. (Ibid., p.84) (...) “Considerava-se tarefa do arquiteto estabelecer primeiro uma ideia e depois dar-lhe uma expressão tangível da forma mais fiel possível. A missão de um arquiteto era partir do todo e dar uma expressão fiel à imagem total. No entanto, quer se trate de uma universidade, de um terminal ou de uma loja de departamentos, um panorama como o obtido a partir do vértice de uma pirâmide é completamente sem sentido se coexistirem funções multifuncionais e complexas. A arquitetura deve ser vista como um agregado de funções extremamente capsuladas e diversas. A arquitetura é nada mais nada menos que um agregado de inúmeras funções (portanto, cápsulas) e pode ser definida como um conjunto que surge quando várias cápsulas se encontram. Assim, uma estrutura arquitetônica pode ser dissolvida em muitos espaços, cada um com diferentes funções. Os espaços assim separados são encapsulados, e o estado em que inúmeras dessas cápsulas se conglomeram e se encaixam no tempo e no espaço pode ser definido como uma estrutura arquitetônica” (Ibid., p.85).

85 DE CAUTER, op. cit., p.77.

mobilidade na arquitetura e urbanismo, a facilidade com que os americanos mudavam de casa e como a usavam como mercadoria descartável. Entretanto, o surpreendente em sua declaração é que já defendia o que parecia ser uma superação do comunismo com relação às massas, ou de uma conquista através da arquitetura com a abolição da propriedade privada. Entretanto, aos olhos de hoje, Kurokawa assumiria a posição de um defensor do capitalismo selvagem neoliberal para justificar o nomadismo e o encapsulamento como possibilidades de transformação da sociedade e das cidades. Seu modelo arquitetônico da *Declaração da cápsula* seria a famosa *Nakagin Capsule Tower* em Tóquio, concluída em 1972<sup>86</sup>. Uma torre que agregava cápsulas mínimas e que, por fora, parecia um edifício com máquinas de lavar acopladas.

A importância de se resgatar a *Declaração da cápsula* é porque ela é reveladora, em muitos sentidos, do que estamos vivenciando na atualidade. Deve-se trazer a semelhança para desmascarar a política que relaciona capitalismo com capsulamento, capitalismo e isolamento; e da negação do passado enquanto luta de classes. Kurokawa afirmava que a cápsula “é a morada do *Homo movens*. A taxa na qual os moradores das cidades mudam de casa nos Estados Unidos é de cerca de 25% ao ano. Em breve, a taxa no Japão ultrapassará 20% ao ano”. As pessoas “gradualmente perderão o desejo por propriedades como terras e grandes casas e começarão a valorizar a oportunidade e os meios de livre circulação. A cápsula significa a emancipação de um edifício da terra e sinaliza o advento de uma era de arquitetura em movimento”<sup>87</sup>.

A passagem anterior e a que segue de Kurokawa demonstram a ignorância e alienação encapsular decorrente já de sua obsessão pelas cápsulas com relação às lutas de classes e políticas norte-americanas, como se pode observar:

A desintegração de uma comunidade e o aumento inusitado da migração indicam o advento do espaço cápsula como a nova forma de habitar, na forma, por exemplo, da casa móvel.

O futuro é antecipado no fato de que nos Estados Unidos mais de 5 milhões de pessoas possuem casas móveis, e a casa móvel tornou-se tão popular lá que há muito deixou de ser considerada uma habitação para ciganos ou trabalhadores sazonais. Mesmo um número considerável de trabalhadores de colarinho branco vive em casas móveis. Hoje, nos Estados Unidos, existem cerca de 1.500 parques de trailers sob administração pública. Estão equipados com zonas verdes, eletricidade, água canalizada e linhas telefônicas. Qualquer pessoa que estacione um trailer pode usar as instalações públicas da mesma forma que uma cidade.

O crescimento da popularidade dos trailers pode ser explicado em parte pelo aumento incomum da mobilidade da população nos Estados Unidos. Devido à alta fluidez do mercado de trabalho, há um alto nível de mobilidade dos trabalhadores de um emprego para outro. Os trabalhadores muitas vezes vendem suas casas e compram novas ao mudar de emprego, mas alguns trabalhadores possuem casas móveis bastante luxuosas e simplesmente dirigem suas casas para os novos locais de trabalho. A alta mobilidade tornou-se um padrão de vida.<sup>88</sup>

86 A *Nakagin Capsule Tower* começou a ser demolida em abril de 2022, após comoção internacional.

87 KUROKAWA, op. cit.; p.76.

88 Ibid., p.76-77.

Kurokawa e o Archigram, nos anos 1960, foram levados pela ficção científica da cápsula espacial, mas estavam bem cientes de que o carro era o novo modelo de residência móvel. Assim, o carro foi imediatamente concebido como uma extensão da casa, um interior artificial; em suma, uma cápsula. O que não estavam cientes, ou não quiseram ver, foi o poder da indústria automobilística e o planejamento das cidades do futuro tendo como base o automóvel, ‘a cápsula poluente’, assim como todas as ‘embalagens’. Para eles, aquilo que outrora era considerado ferramenta, deveria agora se converter em arquitetura, e as mudanças nas condições de vida também exigiriam a ‘capsulização’ das habitações.

A matriz do homem certamente não é a cápsula nem a ilha, como queriam nos fazer crer as teorias dos Metabolistas, e agora os insulamentos de Sloterdijk<sup>89</sup>. Não há nada de natural nas cápsulas; elas são uma triste invenção. O natural do homem não é o isolamento dele com a natureza, mas sim adaptar-se à natureza. A relação que os povos ancestrais têm com a natureza não é de isolamento ou de encapsulamento, mas sim de uma adequação, adaptação para sobreviverem às intempéries; uma adaptação do corpo humano milenar, de geração a geração, para adaptar-se à natureza. O que está em questão agora é algo vital: o ar que respiramos, a atmosfera. Importante lembrar que na década de 1970, Tóquio era a cidade mais poluída do mundo. As zonas de conforto artificiais, dentro das cápsulas, são uma ilusão, pois elas acabam provocando superaquecimentos e super esfriamentos, entrando num *loop* sem saída; e rompendo com o processo de adaptabilidade do corpo humano, criando uma relação de dependência total: basta ver como já nos tornamos dependentes do ar-condicionado domesticado. O efeito estufa virá para criar estufas e cápsulas para justificar mais ainda o enlatamento ou ‘enlutamento’ da humanidade.

A idade da angústia e do encapsulamento é, em parte, resultado dos meios eletrônicos em que hoje vivemos. Corresponde também à era da inconsciência e da apatia. Os Metabolistas estavam bastante atentos à questão da comunicação e do isolamento, da individuação e do encapsulamento quase como um pré-requisito desse novo modelo de vida que já se apresentava na década de 1960. Ninguém pode negar que a casa de hoje só funciona conectada a todos tipos de redes: água, luz, gás, fax/telefone, televisão por cabo e internet<sup>90</sup>, além de todo o sistema de ruas e avenidas. Essas redes infelizmente definem a casa hoje, sendo mais importantes que o próprio mobiliário. Sem elas, a casa é como um satélite perdido no espaço, uma Júpiter 2; uma vida cada vez mais sem sentido na Terra.

Não é à toa que a proliferação da violência na cidade sustentada no terror interessa a todas as grandes corporações de comunicação e informatização, sobretudo aos grandes conglomerados de bancos e administradoras de crédito, que investem maciçamente na indústria de armamentos. Quanto mais perigosas e feias tornarem-se as ruas, mais seremos forçados a ficar em casa, em ‘capsados’, consumindo energia e pagando pelo uso das linhas para nos comunicarmos uns com os outros. Quanto mais a realidade lá fora se torna sombria, selvagem, canibal, mais a hiper-realidade dominará o interior da sociedade capsular. O medo, como vimos em Robson Crusóé, leva ao isolamento e à capsularização; e a condominialização das cidades contribuem com a violência e o medo. Esse medo é o mesmo medo que Robson tinha de ser devorado pelos canibais; ou morto pelos espanhóis.

89 Veja-se a entrevista de Peter Sloterdijk na Harvard Design Magazine número 30, de 2009. Disponível em <https://www.harvarddesignmagazine.org/issues/30/talking-to-myself-about-the-poetics-of-space>

90 Reyner Banham já questiona, em 1965 na revista *Art in America* no ensaio *A home is not a house*, “quando sua casa contém tais verbadores, antenas, conduítes, freezers, aquecedores – quando contém tantos serviços que os equipamentos poderiam se sustentar sozinhos sem qualquer ajuda da casa, por que ter uma casa para segurá-lo?” (BANHAM, 1965, p.70).

A casa da solidão do Soberano não tem portas; é uma ilha, uma cápsula. No mundo desesperança o ser se torna uma mônada de Leibniz<sup>91</sup>, sem nenhuma abertura. Fica no estado de apatia e alienação à espera de alguém, um 'outro' que venha romper seu 'condom', estilhaçar sua redoma. Lieven De Cauter observa que "além de todas as suas outras funções, a cápsula tem um efeito colateral habitual que garante sua relevância e eficiência política: ela induz a um tipo específico de dormência. A arquitetura da cápsula é política de avestruz"<sup>92</sup>.

O pensador Rufino Becker vai mais longe, e muito explícito ao apontar que

O indivíduo é aquele que não pode ser dividido, aquele que é indivisível. O individualismo é o 'ismo' característico às modas. O individual é aquilo que se refere ao indivíduo, o 'divíduo' pode ser dividido. Este é o sentido tradicionalmente estabelecido; agora existem indivíduos fragmentados. O Universo é indivíduo, o indivisível. Agora o sujeito moderno é dividido, está dividido, 'divíduo'. Endividado. Os indígenas nasceram sem divisões com a natureza, a visão moderna segue no sentido do particular, quando não se pode mais retirar uma parte de um ser sem que ele deixe de ser. Na visão orgânica cada ser sempre está dentro, não existem partes somente membros, o todo é indivisível. Todo moderno é fragmentado a começar pelo tempo, pois o tempo moderno é um fragmento do Tempo.<sup>93</sup>

E, Becker ainda ressalta: "o dividido é fruto da visão, a 'di-visão'. Nas latas e caixas estão os 'divíduos' que produzimos pela nossa cosmologia, pela 'classe-ficção positivista'".

A crítica da sociedade de massas utilizava a metáfora da lata de sardinhas para representar, por exemplo, o transporte de metrô e ônibus. Nos encapsulamentos, a sardinha continua enlatada, só que agora mais tristemente: sozinha e sem resistência. O individualismo e o encapsulamento também acarretam o fim do amor e o início da solidão, do desespero; viver como Robson na ilha desesperança. Relembrando que Derrida apontava e analisava criticamente essas questões levantadas por Heidegger de uma soberania do ser: a solidão, o tédio e a finitude. Talvez seja prioridade reestudar os textos dos Metabolistas, pois o que estamos vivendo hoje é parte de um projeto que começa na década de 1970, e Kurokawa tinha plena noção da perda da dimensão amorosa ao afirmar que

Se uma família forma um agregado de indivíduos, a paisagem das cidades futuras será determinada, não por vias expressas ou arranha-céus, mas por um colossal agregado de unidades de espaço individuais. Certamente, tal moradia estará muito longe do tradicional 'lar doce lar'. Mas não quero dizer que o amor entre marido e mulher ou entre pais e filhos será negligenciado.<sup>94</sup>

Mas, já foi dilacerado e está sendo com as *cells*, as cápsulas, as células celulares (telefones celulares). Para uma casa realmente se converter numa cápsula – e estamos a caminho (ou já se converteram) –, algumas coisas devem acontecer externamente a elas: (1) A redução dos espaços das residências. Tudo deve se converter numa quitinete; uma cápsula mínima só para dormir. O *Existenzminimum*<sup>95</sup> alemão deverá

agora ser levado aos limites. (2) A dissolução da família. (3) A existência deve equivaler-se à existência mínima da pobreza. Cada vez mais, a sociedade deve empobrecer ao ponto de não esperar ter um espaço maior para seu recolhimento. (4) A casa deve tornar-se algo descartável e transportável, uma mercadoria; algo como comprar um ar-condicionado e vir de brinde uma *capsa*. (5) O mundo privado, privativo, deve se tornar também lugar ao espaço de trabalho, e o espaço público deverá ser reduzido também ao mínimo, vide políticas públicas urbanas e a privatização; e o espaço dito público deverá ser entendido cada vez mais como o espaço de trabalho.

A ideia de uma sociedade do ócio proposto pela Internacional Situacionista e também alabada pelos Metabolistas e o Archigram, como correlação da mobilidade, não aconteceu e não acontecerá enquanto houver capitalismo e produção de corpos destinados à subserviência e escravidão. Principalmente o capitalismo em períodos neoliberais, ao contrário, ele só produz desespero e desemprego.

A própria teoria dos insulamentos e capsularidades corresponde a uma teoria da individualização e do isolamento necessário à subserviência ao capitalismo. A teoria das cápsulas é afirmação desse propósito: a utopia da soberania para todos. Cápsulas são máquinas de simulação. A lógica da cápsula é excluir a dureza do ambiente hostil. O que é hostil agora, porém, não é a natureza, mas a própria clareira: a cidade e os homens que vivem nela. Um ponto ainda a destacar é que foi graças à domesticação do ar, o ar domesticado, o ar-condicionado, que as ilhas puderam se tornar cápsulas, e o mundo passou a viver em redomas. O confinamento de nossos corpos em nossas próprias *capsas*.

A cápsula pertencia ao soberano, e a ideia de todos os indivíduos possuírem capsulares os tornariam também Soberanos, seres livres, *fry*, como imaginava Kurokawa. E ao selvagem, a besta, corresponderia o mundo exterior. Sexta-Feira não precisava se isolar porque ele pertencia à comunidade indígena onde todos se protegiam. Quem sempre precisa se isolar é o Soberano para exercer seu poder, encapsular-se para se tornar inacessível. Esse fato é revelador quando o próprio Kurokawa associava a origem da cápsula ao *Kago*, uma cápsula tradicional para transportar pessoas<sup>96</sup>; na verdade um trono móvel, uma caixa onde os Soberanos ficavam sentados dentro, sendo carregados pelos escravos, as bestas, em seus ombros. Essa talvez seja a melhor representação do que seja uma cápsula, de quem está dentro dela, quem é o dono, quem as produz, e de onde sai a matéria-prima para sua fabricação; e de quem suporta e mantém o Soberano. Entretanto, as cápsulas que eram destinadas aos soberanos agora são aplicadas às bestas; bestas encapsuladas por sua própria vontade, à serviço de um Soberano livre que já não tem seu poder fixo, estabelecido em lugar nenhum.

Por outro lado, podemos pensar, juntamente com a medicina, que o encapsulamento é uma reação a um possível estado inflamatório. O encapsulamento é normal e esperado. O corpo cria uma película de tecido de cicatrização em volta do implante das infinidades de próteses e órteses que estão sendo introduzidas no nosso corpo para isolá-lo do resto do organismo. As cápsulas são decorrência das próteses (MacLuhan) a que estamos submetidos nesse novo processo de domesticação.

91 LEIBNIZ, 2009.

92 DE CAUTER, op. cit., p.46.

93 BECKER, 2022.

94 KUROKAWA, op. cit., p.80.

95 A habitação para o mínimo nível de vida (*Die Wohnung für das Existenzminimum*) foi tema central

do segundo CIAM (Congrès internationaux d'architecture moderne), realizado em 1929 em Frankfurt, na Alemanha.

96 KUROKAWA, op. cit., p.78.

## Uma ilha chamada esperança

Penso, que o problema não é o que está dentro do campo da ilha, o 'eu', os Robsons e suas *bêtises*, nem tampouco a circularidade clareira ou a circunscrição do conhecimento, mas a própria ilha e seu conceito, e tudo o que a cerca, o que está fora, o oceano, ou vácuo que nos impede de ver o fim do mundo. Enquanto se faz ver a ilha, se esquece do oceano. Para os que já nasceram nas ilhas artificiais, nas casas Robsons, nas ilhas antropogênicas esses limites impostos são determinantes para a sobrevivência dos que nasceram ali; qualquer ilha, qualquer estufa se convertem num continente, num mundo. Essas reflexões sobre os limites e as bordas do mundo, o isolamento, a própria condição da ilha, o 'ser ilha', só tem sua importância se evidenciar simultaneamente a falta de definição na natureza e explicitarem as relações amorosas de suas matérias, no caso: a ilha, a terra e a água, o ar e toda animalidade 'convivente' nesse lugar.

Todo o conceito de espaço-tempo ocidental, o humanismo, o materialismo, de certa forma, foram comprometidos pela falsa de ideia de um 'eu' limitado, o ser insulado, essa tem sido a base do pensar ocidental desde a antiguidade, a soberania do 'eu', seu análogo e *topos*: a ilha soberana. Para o soberano, é preciso estar constantemente criando ilhas para si e para os demais, afastando-se do povo e dos outros, já desde o afastamento da corte francesa para o Palácio de Versalhes como presságio dessa nova topologia do poder.

A burrice do 'eu' (a *bêtiese*) é acreditar que ele pensa por si, que ele é o soberano de si e de suas ideias, quando ele deveria rever a própria grafia de seu pensar o 'comgito', e não o cogito. Não há o 'ser ilha', 'eu ilha', como também não deve haver um *Dasein*. A ficção ilha deserta, montanha, é muito forte, e vem acompanhada da ficção Robson, o ser isolado, e o tempo de contemplação em sua solidão. Já não há mais ilhas desertas. Estão todas ocupadas, mas seguem chegando Robsons em plena cidade, ou em plena natureza, para explorar, colonizar.

A casa de Robson na ilha Desesperança é aparentemente insignificante, mas quando se compreende que a casa de Robson, e o que ele cria, é também uma ilha; aí então se tem a comple(cidade) contemporânea. Há uma tríade: homem, casa e ilha, todos apontando e correlacionando uma nova unidade circular, que arrasta três saberes: arquitetura, filosofia, geografia. Curiosamente, todas ciências domesticadoras, que remetem sempre ao eu. É preciso cautela, pois cada linha traçada pelos arquitetos pode acabar se tornando um devir ilha. É preciso estar atento a não seguirmos projetando ilhas, mas sim pontes naturais humanas para conectar o que foi demasiado afastado pelo pensar colonizador para dominar suas bestas. Da antiga imprecisão à ultra precisão dos mapas, todas as representações, todas as linhas são também e principalmente, antes de nada, atestados do afastamento do homem com a natureza.

Espero que o leitor tenha percebido, além da questão da soberania e das bestas, que aqui se tomou somente como um ponto de partida. Que a ilha e a casa ocidental, a propriedade privada, os condomínios, os apartamentos são análogos a ilhas. Que tal ilha, para Sexta-Feira, nunca será uma ilha para o dito 'pensamento selvagem'; nunca será uma desesperança, mas sim uma possibilidade de ocupação, uma esperança sem esperar nada.

Quando Robson e Sexta-Feira partem rumo à civilização, à querência Robson, deveríamos voltar o olhar para a ilha, agora um olhar distante; fora dela, vê-la em sua pujança de vida, aparentemente solitária na linha do horizonte. E se tomássemos a velha luneta de Robson, poderíamos observar, mesmo à distância, como rapidamente a natureza canibalizou a cerca, a muralha civilizatória, e até a caverna do Robson já estava desmoronando, e tudo que tinha dentro dela está sendo corroído. De pronto,

voltava a ser selva com suas bestas livres correndo sobre ela.

A teoria das esferas, bolhas e espumas, apresentada por Sloterdijk é uma genial teoria das individualidades, que se unem e desunem. É importante reavaliar, entretanto, essa teoria não a partir do pensamento do outro, e sim 'com' os outros; não um pensamento soberano do 'eu' mas o pensar que 'comflui' como um rio a partir de suas vertentes. Embora, diga-se, e se tem por ditado popular que o ser humano nasce sozinho, na realidade nenhum ser humano nasce sozinho. Ao nascer, ele já é e já está parte de um 'com', física e psicologicamente, dentro da ilha útero. Vem ao mundo através de alguém, e só sobrevive graças ao outro. Os seres humanos estão longe de serem *insulae*, nem na hora da morte. Quando muito, quicá uma península, *poene insula*, 'uma quase ilha'. A teoria dos insulamentos de Sloterdijk é oportuna para justificar e explicar o individualismo e egoísmo que assola o mundo nesse momento se lermos com olhos atentos e críticos. O pensamento filosófico, mais que explicar as esferas pisco socioculturais que o homem está dentro, acaba alimentando o paradigma capitalista de um mundo constituído de individualidades, isolamentos; bolhas dentro de uma interessante ordem esfereológica, mas ainda sob o julgo de um processo civilizatório capitalista domesticante. O que Sloterdijk quer é que acreditemos que existe uma esferologia inata ao ser humano, o que pode ser verdade até certo ponto. Ainda que Sloterdijk explique que a cultura também se dá em bolhas coletivas e, assim, tudo seria bolha dentro de bolha, clareira dentro de clareira, ilha dentro de ilha. A partir do momento em que tudo é bolha, nada é bolha, devemos suspeitar; e buscar outras cosmologias nas ancestralidades ainda viventes, principalmente na América Latina e Caribe, que talvez melhor nos guiem para uma harmonia com a natureza. Para a filosofia, foi e ainda é importante o *maintenant* do 'eu' e da ilha como metáforas da soberania, o eu como único e necessário para montar seu discurso filosófico; pois o nós, ou coletivo não produz filosofia, apenas sabedoria como atesta o pensamento não domesticado e não soberano.

Se há um movimento de unir as pessoas, um movimento mercurial, um empilhar ou grudar-se, há também, é verdade, outro movimento: o de afastamento e isolamento dos indivíduos necessário para refletir, recolher-se. Geralmente, os povos ancestrais buscavam as inúmeras formas de clareira física para meditar. Agora, transformar o temporário movimento de isolamento, o 'condomizado', o encapsulado num modo de morar sem pensar comum a todos e até duradouro, constitui-se num atentado à coletividade humana. Esse isolar-se na natureza para o civilizado, agora já quer dizer mais solidão, e raramente um 'medi-estar'. Para Havy, o pensador autodidata, ao contrário, esse retorno à condição de ilhéu não quer dizer isolar-se, mas voltar aos seus outros diferentes, totalmente diferentes, os outros da natureza, a natureza outras, o contingente, com quem se 'convivia'. De qualquer forma, deve-se aqui começar a entender também a natureza da arquitetura enquanto domesticadora dos seres humanos; e dos arquitetos dito 'criadores', serventes dos soberanos, pois a casa continua sendo o lugar onde nasce a maioria dos monstros.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BANHAM, Reyner. *A home is not a house*. Art in America, Nova York, v. 2, p.70-79, 1965.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004.

BECKER, Rufino. *[O indivíduo e o indivisível]*. Whatsapp: [Mensagens privadas]. 14 dez. 2022. 17:10. 19 mensagens de Whatsapp.

DE CAUTER, Lieven. *The capsular civilization*. Rotterdam: NAI Publishers, 2004.

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. São Paulo: Editora Schwarcz S.A. 2001. Introdução de John Richetti.

DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1994.

DELEUZE, Gilles. *As ilhas desertas e outros textos*. Textos e entrevistas (1953-1974). Edição preparada por David Lapoujade. São Paulo: Editora Iluminuras. 2004.

DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 1994. Tradução Anamaria Skinner.

DERRIDA, Jacques. *Faxitexture*. Em: Les arts de l'espace, écrits et interventions sur l'architecture. Paris: SNELA La différence. 2015.

DERRIDA, Jacques. *Seminário La bestia y el soberano*. Volumen II. Buenos Aires: Editora Bordes Manantial. 2002.

DEUTINGER, Theo. *Handbook of tyranny*. Zürich: Lars Müller Publishers. 2018.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FRIEDMAN, Yona. *Arquitectura movil*. Barcelona: Poseidon. 1978.

FUÃO, Fernando. *CELL(U)LARES: Sobre arquitetura e domesticação*. Dez. 2020. Disponível em: <<https://fernandofuao.blogspot.com/2020/12/lares-sobre-arquitetura-e-domesticacao.html>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

FUÃO, Fernando. Construir, Morar, Pensar: uma releitura de 'construir, habitar, pensar (*bauen, wohnen, denken*) de Martin Heidegger. *Revista Estética e Semiótica*, Brasília, v. 6, n. 1, p.1-30, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.18830/issn2238-362X.v6.n1.2016.01>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

FUÃO, Fernando. *Lixivia (i)mundi*. Porto Alegre: UFRGS, 2015a. (Inscritos no Lixo, 3).

FUÃO, Fernando. A porta. Em: FUÃO, F.; Viecelli, *A porta, a ponte, o buraco, um orelhão*. Coleção Querências de Derrida, moradas da arquitetura e filosofia. Porto Alegre, 2015b. Ufrgs. Cnpq. Capes.

FUÃO, Fernando. Sobre cadeiras e clareiras. *Pixo: revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade*, Pelotas, v. 3, n. 11, p.18-39, primavera de 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/115>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis. Editora Vozes. 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. 2 Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2011. Tradução: Marco Antônio Casanova.

HEIDEGGER, Martin. *Ensaio e conferências*. 8 ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012a. (Coleção Pensamento Humano).

HEIDEGGER, Martin. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Textos Filosóficos).

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012b. (Coleção Pensamento Humano).

HUXLEY, Aldous. *A ilha*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul-Editora Globo. 2017.

IBNTUFAL. *El filósofo autodidacta*. Feedbooks. Original publicado: 1150 Disponível em: <<https://guao.org/sites/default/files/biblioteca/EI%20fil%C3%B3sofo%20autodidacta.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

KACZYNSKI, Ted. *Navio de tolos*. 1999. Em: <https://oabutre.noblogs.org/navio-dos-tolos-uma-parabola-de-ted-kaczynski/>

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Editora Schwarcz. 2020.

KUROKAWA, Kisho. *Metabolism in architecture*. Nova York: Cassell & Collier Macmillan Publishers Ltd, 1977. 203 p.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *A Monadologia e outros textos*. Trad.: Fernando Luiz B. G. e Souza. São Paulo: Hedra. 2009.

LENOBLE, Robert. *História da ideia de natureza*. Lisboa: Edições 70, 1969.

LIPOVETSKY, Gilles. *Era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. 1ª edição. Lisboa: Edições 70. 2013.

MALINOWSKI, A. V. *Los argonautas del Pacífico occidental*. Barcelona: Editorial Planeta-De Agostini, S. A. 1986.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem-Understanding Media*. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

NOGUEIRA Salvador; GARATTONI, Bruno. *Biosfera 2: o planeta que deu errado*. Revista Super Interessante, publicado em 20 abr 2017, 16h48, atualizado em 22 Maio 2020, 16h47. Disponível em <<https://super.abril.com.br/ciencia/biosfera-2-o-planeta-que-deu-errado/>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

QUINTANA, Efreu; SILVA, Enilton Braga. Espectralidades bandidas e seus fantasmas urbanos. Em: SOLIS, Dirce Eleonora (org.) *Espectros prisionais*. Coleção. Derrida: espectralidades e fantasmagorias na arquitetura e filosofia. Porto Alegre: UFRGS. 2019.

RAGON, Michel. *Histoire mondiale de l'architecture et de l'urbanisme modernes*. Perspective et futurologie. Paris: Casterman. 1986.

ROGERS, Woodes. *A cruising voyage round the world*. London: Cassell and Company. First Published in 1712. Reprinted in The Seafarers' Library, 1928. Introduction and Notes by G.E.Manwaring, , F. R. Histspimenta.

SILVA, Enilton Braga. *A clareira da casa-pátio*. Dissertação. PROPAR. UFRGS. 2017. (inédito) 217p. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/173776>>. Acesso em 28 dez. 2022.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 1: bolhas*. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 3: espumas*. Barcelona: Ed. Siruela, 2003.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano*. São Paulo. Estação Liberdade. 2000.

SLOTERDIJK, Peter. Talking to Myself about the Poetics of Space. *Harvard Design Magazine*, Cambridge, v. 1, n. 30, spring/summer 2009. Disponível em: <<https://www.harvarddesignmagazine.org/issues/30/talking-to-myself-about-the-poetics-of-space>>. Acesso em 27 dez. 2022.

TOUNIER, Michel. *Viernes o los limbos del Pacífico*. El Rey de los Alisos. Los meteoros. ePub r1.0. Editor digital. Titivillus 18.02.2019. Traducción: Lourdes Ortiz & Encarna Castejón & Clemente Lapuerta & Núria Petit.

VIRILIO. Paul. *Estética de la desaparición*. Barcelona: Anagrama, 1988.

WYSS, Johann David. *Swiss Family Robinson*. Salt Lake City: Pink Tree Press. 2000



Figura 10 – ESPAÇO PARA PUBLICIDADE. Fotografia de Enilton Braga da Silva. 2023.